



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



YNDYHARA MATIAS DOS SANTOS LIMA

**A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DAS DESINÊNCIAS NÚMERO-PESSOAIS
PARA A APRENDIZAGEM DE VERBO POR DISCENTES DOS ÚLTIMOS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2021

YNDYHARA MATIAS DOS SANTOS LIMA

**A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DAS DESINÊNCIAS NÚMERO-PESSOAIS
PARA A APRENDIZAGEM DE VERBO POR DISCENTES DOS ÚLTIMOS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marian dos Santos Oliveira
Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vera Pacheco

Pesquisa autorizada pelo CAAE n. 35708920.2.0000.0055

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2021**

L696i

Lima, Yndyhara Matias dos Santos.

A importância da compreensão das desinências número-pessoais para a aprendizagem de verbo por discentes dos últimos anos do ensino fundamental. / Yndyhara Matias dos Santos Lima, 2021.

58f.

Orientador (a): Dr^a. Marian dos Santos Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Mestrado

Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2021.

Inclui referência F. 51 a 52.

1. Morfologia verbal. 2. Desinências número-pessoais. 3. Ensino. I. Oliveira,

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Marian dos Santos Oliveira (UESB)
(Orientadora)

A handwritten signature in blue ink, corresponding to the name Marian dos Santos Oliveira.

Prof.ª Dr.ª Vera Pacheco (UESB)
(Examinadora)

A handwritten signature in blue ink, corresponding to the name Vera Pacheco.

Prof.ª Dr.ª Vanessa Gonzaga Nunes (UFS)
(Examinadora)

Vitória da Conquista, BA, 23 de março de 2021.

Resultado: APROVADA

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo apoio que proporcionou a realização deste estudo.

À minha orientadora, professora Dr^a. Marian Oliveira, pelos ensinamentos, orientações e incentivos; por ser um exemplo de força, coragem e determinação. À senhora, o meu respeito e admiração. À minha coorientadora professora Dr^a. Vera Pacheco e à professora Dr^a. Vanessa Gonzaga pelas valiosas contribuições a este trabalho.

À coordenação e aos funcionários do ProfLetras- UESB pelo excelente trabalho e atenção voltada a todos os mestrandos.

A todos os professores do ProfLetras- UESB pelos ensinamentos dispensados a minha amada turma VI. Aos colegas de turma, minha alegria por termos vivenciado tantos momentos enriquecedores e pelo firmamento desta bela amizade.

A Deus, meu porto seguro, por se fazer presente em todos os momentos da minha vida com sua infinita bondade e misericórdia.

Ao meu esposo, Maurício, pelo amor, companheirismo, apoio e incentivo ao longo dessa caminhada.

Aos meus filhos, Lucas, Leandro, Ana Luiza e Ane Larissa, pela compreensão e carinho.

Aos meus pais, Lourival e Marineuza, pelo exemplo de vida, assistência e amor incondicional.

Aos meus irmãos, Yndayah, Ysnhara e Ythallo, pela união, força e vibrações positivas. Aos demais familiares pela atenção.

Aos meus amigos e colegas de trabalho pelas mensagens de apoio, encorajamento e por se alegrarem com minhas conquistas.

Muito obrigada a todos que contribuíram para que eu pudesse realizar este sonho.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim, não morre jamais.”

Rubem Alves

RESUMO

Esta dissertação tem por tema a importância do reconhecimento dos elementos estruturais do verbo, principalmente os sufixos número-pessoais e seus valores cumulativos, pelos discentes da educação básica. Considerando que os alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental devem demonstrar o domínio de verbo nas práticas orais e escritas da Língua, o principal objetivo deste trabalho consiste em propor um ensino sistemático das desinências número-pessoais baseado na descrição e análise desses morfemas flexionais, conforme o padrão geral dos verbos, defendido por Camara Jr. (2005). Sendo assim, sugere-se, por meio de caderno pedagógico, uma proposta de intervenção com atividades lúdicas contemplando as desinências número-pessoais, nos moldes de sequência didática. Este estudo está ancorado nos pressupostos teóricos de Camara Jr. (2005), Pontes (1972), Perini (2007) e ainda nas abordagens de Bechara (2009), Cunha e Cintra (2017), Tavares e Conselvan (2012), Pereira, Barros e Mariz (2015). Acredita-se que este trabalho além de contribuir para a ampliação do conhecimento de verbo dos discentes dos últimos anos do Ensino Fundamental, poderá também colaborar com a prática dos professores da educação básica propondo um ensino sistemático dos sufixos número-pessoais do verbo português, conteúdo indispensável nessa etapa escolar.

Palavras-chave: Morfologia verbal; Desinências número-pessoais; Ensino.

ABSTRACT

This dissertation has for theme the importance of the recognition of the structural elements of the verb, mainly the personal number suffixes and their cumulative values, by the students of basic education. Considering that students in the last years of elementary school must demonstrate mastery of the verb in oral and written practices of the language, the objective of this work is to propose a systematic teaching of personal number endings based on the description and analysis of these inflectional morphemes, according to the standard general of verbs, defended by Camara Jr. (2005). Therefore, it is suggested, through a pedagogical notebook, a proposal for intervention with playful activities contemplating the personal number endings, in the form of a didactic sequence. This study is anchored in the theoretical assumptions of Camara Jr. (2005), Pontes (1972), Perini (2007) and also in the approaches of Bechara (2009), Cunha and Cintra (2017), Tavares and Conselvan (2012), Pereira, Barros and Mariz (2015). It is believed that this work, in addition to contributing to the expansion of verb knowledge of students in the last years of elementary school, may also collaborate with the practice of basic education teachers by proposing a systematic teaching of the personal number suffixes of the Portuguese verb, essential content in this school stage.

Keywords: Verbal morphology; Personal number endings; Teaching.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Representação do paradigma de conjugação dos verbos regulares, segundo Bechara (2009).....	21
QUADRO 2- Representação dos sufixos número-pessoais de acordo com Camara Jr. (2005).....	24
QUADRO 3- Representação da flexão dos verbos regulares cantar, vender e partir, segundo Camara Jr. (2005).....	25
QUADRO 4- Representação das oposições de pessoa e número de acordo com Pontes (1972).....	28
QUADRO 5- Representação da organização dos livros do 6º ao 9º ano, de Tavares e Conselvan (2012).....	31
QUADRO 6- Representação da organização dos livros do 6º ao 9º ano, de Pereira, Barros e Mariz (2015).....	35
QUADRO 7- Representação das categorias verbais de acordo com Tavares e Conselvan (2012) e Pereira, Barros e Mariz (2015).	39
QUADRO 8- Representação dos sufixos modo-temporais de acordo com Camara Jr. (2005).....	54
QUADRO 9- Representação das vogais temáticas de acordo com Camara Jr. (2005).....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 UM PERCURSO PELA MORFOLOGIA VERBAL	16
2.1 Os sufixos número-pessoais	23
2.2 A morfologia verbal na perspectiva de livros didáticos	30
2.2.1 Um apanhado da abordagem de verbo na coleção didática <i>Vontade de Saber Português</i>	30
2.2.2 Um apanhado da abordagem de verbo na coleção didática <i>Universos- Língua Portuguesa</i>	35
2.2.3 Considerações acerca da abordagem de verbo nas coleções didáticas analisadas	38
3 METODOLOGIA	42
3.1 Campo de estudo	42
3.2 Os sujeitos da pesquisa	43
3.3 A pesquisa –ação: alguns apontamentos	43
3.3.1 Observar a comunidade, detectar o problema para propor uma mudança: o diagnóstico	45
3.3.2 Ações propostas para promover a mudança: a intervenção pedagógica.....	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	53
APÊNDICE A- QUADRO COM OS SUFIXOS MODO-TEMPORAIS, DE ACORDO COM CAMARA JR. (2005).....	54
APÊNDICE B- QUADRO COM AS VOGAIS TEMÁTICAS, DE ACORDO COM CAMARA JR. (2005).....	55
ANEXOS.....	56
ANEXO A- IMAGEM DA COLEÇÃO DIDÁTICA VONTADE DE SABER PORTUGUÊS.....	57
ANEXO B- IMAGEM DA COLEÇÃO DIDÁTICA UNIVERSOS- LÍNGUA PORTUGUESA.....	58

1 INTRODUÇÃO

O ensino de gramática tem sido discutido no universo das escolas públicas nacionais e no meio acadêmico. Constantemente, os professores têm se deparado com novos materiais didáticos alinhados à Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) e aos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN (1998). Assim, o ensino de Língua Portuguesa com ênfase na gramática normativa passou a ser questionado na ótica de que essa gramática apenas prescreve as regras do “falar e escrever corretamente” e por isso não dá conta de alguns fenômenos linguísticos próprios da fala. Na perspectiva de que o ensino de Língua Portuguesa deve proporcionar a reflexão sobre o uso da língua em diferentes situações de interação social, o PCN (1998) traz novas orientações e estas são revisadas e ampliadas na BNCC (2017). Com isso, o ensino tradicional de gramática passa a ter sua eficácia questionada e a ser amplamente discutido também em trabalhos acadêmicos.

A principal orientação do PCN (1998) é que os profissionais da educação primem por garantir aos alunos um ensino de qualidade e, dentre as contribuições, enfatiza a importância do ensino da Língua Portuguesa para a formação escolar e social dos jovens, segundo os parâmetros:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (PCN- LP, 1998: p.19).

Nesse sentido, a BNCC (2017) afirma que

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2017, p.63).

Sendo assim, no decorrer dos anos, o professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino se viu diante do desafio de rever sua prática pedagógica no sentido de ensinar as regras gramaticais tradicionais, mas também proporcionar a reflexão acerca dos usos cotidianos da língua em diferentes situações comunicativas. Desse modo, os docentes deveriam pautar sua prática pedagógica na oferta de atividades que proporcionassem aos

discentes da educação básica o desenvolvimento das competências e habilidades referentes à leitura, produção textual e análise linguística.

Diante disso, muitos docentes incorrem no erro de não ensinar gramática e pouco abordam em suas aulas aspectos gramaticais fundamentais à formação do aluno. Em geral, o trabalho em sala de aula tem sido focado em atividades de interpretação de texto e produção escrita de diversos gêneros textuais. Ressaltamos a importância deste trabalho. Contudo, enfatizamos que é de suma importância que os alunos dominem também os conhecimentos gramaticais previstos para cada etapa escolar.

Um dos indicadores de que é preciso repensar a qualidade do ensino público é o resultado que os discentes têm alcançado nas avaliações de larga escala. A prova Brasil 2017, com o nível 3 de proficiência em Língua Portuguesa alcançado pelos alunos do 9º ano, de acordo com o Ministério da Educação (MEC), demonstra que os educandos não dominam os principais conteúdos referentes à língua exigidos na educação básica (BRASIL, 2017).

O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou, no site do INEP, o relatório do resultado do Brasil em 2018. Este mostra que estamos estagnados em um índice ruim de leitura e compreensão de textos há, aproximadamente, 10 anos. Dentre os oitenta países participantes, o Brasil ficou na 57ª posição em leitura – foco nessa edição. E também está abaixo da média da OCDE em leitura - a média nacional é de 413 pontos, e a da OCDE é de 487. Portanto, esse resultado revela que 43% dos estudantes brasileiros não sabem o mínimo de leitura, matemática e ciências, áreas analisadas pelo PISA (BRASIL, 2018).

A partir do exposto, reafirmamos a importância de um ensino de Língua Portuguesa que aborde os conteúdos gramaticais de acordo com a norma padrão e que também evidencie ocorrências próprias da fala para que o discente possa refletir sobre as diferenças do uso da língua na fala e na escrita e amplie sua competência linguística. Sendo assim, um dos conteúdos indispensáveis para o desenvolvimento dos discentes da educação básica diz respeito às classes de palavras, em especial, verbo, pois, segundo Camara Jr. (2005), no campo morfológico, o verbo apresenta desinências que revelam a flexão de tempo e modo, pessoa e número; no campo semântico, enquanto os nomes representam coisas ou seres, os verbos correspondem a processos. E, Perini (2007) afirma que em relação à sintaxe, o verbo organiza as orações e exerce a função de predicado.

Isto posto, reafirmamos que o aluno precisa acessar, por meio do professor, esses conteúdos, pois acreditamos que a ausência deles compromete a formação do aprendiz; uma

vez que tanto o PCN (1998) quanto a BNCC (2017) afirmam que o aluno das últimas séries do ensino fundamental deve dominar a morfologia verbal e as demais classes, ser capaz de analisar sintaticamente termos de uma oração e demonstrar o conhecimento morfosintático na elaboração de textos.

Assim, defendemos o ensino de verbo na educação básica para que os educandos ampliem a sua competência linguística. Sabemos que o paradigma flexional do verbo em português envolve alta complexidade. No que se refere ao padrão geral – o que tradicionalmente é chamado de verbo regular – o verbo carrega o radical (R), seguido da vogal temática (VT) que juntos formam o tema (T). Nesse padrão geral o radical é uma parte invariável. Ao tema são acrescentados os morfemas flexionais: o sufixo que indica modo e tempo verbal (SMT) e o sufixo que indica a pessoa e o número do sujeito (SNP). Estes sufixos se “aglutinam intimamente num global sufixo flexional (SF), que se adjunge ao tema do verbo, constituído pelo radical, seguido da vogal temática da conjugação correspondente” (CAMARA Jr., 2005, p. 104). Tais sufixos, portanto, acumulam informações da flexão do verbo português, o que torna a flexão verbal como algo bem complexo, que cabe ao professor desvendar ao aluno.

Nesse sentido, este estudo surgiu das inquietações da pesquisadora acerca da busca de metodologias que pudessem aprimorar o conhecimento de morfologia verbal dos discentes das últimas séries do ensino fundamental. E, como percebemos na nossa prática docente que as maiores dificuldades encontradas por esses alunos dizem respeito às flexões, principalmente as de pessoa e número, trataremos aqui dos sufixos número- pessoais, de seus valores cumulativos e da importância deles na realização da concordância verbal.

Tendo em vista que os alunos das últimas séries do ensino fundamental não têm demonstrado conhecimento sobre as flexões verbais, principalmente das desinências número- pessoais, em suas práticas escritas da língua, perguntamos:

- a) O pouco domínio que os discentes dos últimos anos do ensino fundamental apresentam em relação às desinências número- pessoais dos verbos estaria relacionado às informações que esses morfemas flexionais acumulam?
- b) Um ensino sistemático das desinências número- pessoais pautado no reconhecimento desses sufixos flexionais e do entendimento dos valores cumulativos de pessoa e número expressos por eles poderia concorrer para um

maior domínio dessas flexões verbais e, conseqüentemente, favoreceria o uso adequado do verbo nas produções escritas?

A hipótese desta pesquisa é de que os discentes, em sua maioria, não conseguem perceber a função cumulativa dos morfemas flexionais dos verbos, por isso demonstram pouco domínio acerca dos sufixos que indicam a pessoa e o número do sujeito da ação verbal. Logo, um ensino que considere a descrição e análise desses morfemas flexionais pode contribuir para sanar as dificuldades dos alunos do 8º ano do ensino fundamental em relação às desinências número-pessoais e ao uso adequado do verbo nas produções textuais.

Considerando as perguntas e a hipótese evidenciadas, este trabalho tem por objetivo principal propor, por meio de caderno pedagógico, um ensino sistemático das desinências número-pessoais baseado na descrição e análise desses morfemas flexionais, conforme o padrão geral dos verbos defendido por Camara Jr. (2005), e defender a importância do domínio desses sufixos na realização da concordância do verbo com o sujeito; visando, portanto, contribuir com a ampliação do conhecimento de verbo dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Sendo assim, são nossos objetivos específicos:

- Elaborar atividade diagnóstica para mensurar as dificuldades dos alunos quanto às desinências número-pessoais dos verbos e, conseqüentemente, o uso adequado dos mesmos nas práticas escritas;
- Sugerir caderno pedagógico com atividades, nos moldes de sequência didática, sobre desinências número-pessoais, baseadas nas propostas do linguista Camara Júnior (2005), que possam ser utilizadas pelos professores da educação básica como instrumento de aula que consiga fomentar a compreensão das flexões número e pessoa do verbo regular português e a harmonia entre o verbo e o sujeito da ação verbal por alunos do 8º ano;
- Indicar a esses professores e/ou pesquisadores a reavaliação da atividade diagnóstica após intervenção pedagógica a fim de analisar a eficácia do caderno pedagógico.

Na perspectiva de que nossos objetivos sejam alcançados, ancoramos esta pesquisa nos estudos de Camara Júnior (2005), Pontes (1972) e Perini (2007). Discutimos a temática no campo da tradição gramatical a partir das prescrições propostas por Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2009); Tavares e Conselvan (2012), Pereira, Barros e Mariz (2015). Assim, ressaltamos a importância deste estudo para a aquisição do conhecimento das desinências

número-pessoais, ampliação do domínio de morfologia verbal e aprimoramento da competência linguística de alunos da educação básica. Esperamos ainda que contribua com a prática docente de professores de Língua Portuguesa da rede pública e sirva também de incentivo para outros trabalhos sobre esse tema.

A partir do exposto, esta dissertação está organizada em cinco seções, sendo esta introdução a seção 1. Na seção 2, realizamos um percurso pela morfologia verbal, com destaque para as desinências número-pessoais, discutindo o tema à luz da linguística por Camara Jr. (2005), Pontes (1972) e Perini (2007), e da gramática tradicional com Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2009); ilustramos ainda a abordagem de verbo nos livros didáticos, a saber, Tavares e Conselvan (2012), Pereira, Barros e Mariz (2015). Na seção 3 apresentamos os procedimentos metodológicos que norteiam este estudo em relação à caracterização da pesquisa, campo e sujeitos da pesquisa, a coleta dos dados e a proposta de intervenção por meio de caderno pedagógico com atividades nos moldes de sequência didática.

2 UM PERCURSO PELA MORFOLOGIA VERBAL

A língua é viva, dinâmica e está em constante transformação por seus usuários. Assim, ao longo dos séculos, muito se tem discutido acerca dos estudos linguísticos e, conseqüentemente, sobre a evolução da ciência que tem a língua como objeto de estudo.

De acordo com Saussure (1999), a Linguística é a ciência que se constitui em torno dos fatos da língua; e é preciso analisar separadamente língua (*langue*) e fala (*parole*). Para ele, a língua é um produto social presente na mente de cada falante de uma comunidade e tem homogeneidade, portanto a língua é um sistema de valores puros. Já a fala é um ato próprio de cada indivíduo e está sujeito a fatores externos, que podem não ser analisados por não serem de natureza linguística.

No século XIX, a linguística histórica ou diacrônica, que consiste em explicar a formação e evolução das línguas no eixo das sucessões históricas, fundamentava os estudos linguísticos. Porém, contrapondo-se a essa vertente, Saussure trouxe “a linguística descritiva ou sincrônica que mostra como os elementos de uma língua se estruturam e funcionam nos contextos de enunciação, para a comunicação social” (CAMARA JR. 1974, p. 46).

Para Camara Jr. (1974), a linguística diacrônica e a sincrônica são autônomas, porém interdependentes, e se organizam para permitir a visão linguística pancrônica em que a verdade sincrônica e a diacrônica confluem porque é preciso considerar que todo fato linguístico deve ser visto no sistema de que é parte, e na sua história, pois é a história do próprio sistema.

Considerando tanto os pressupostos dos estudos diacrônicos quanto as orientações da linguística sincrônica; na tentativa de organizar e classificar a língua, nasce a gramática. O termo gramática originou-se do grego *tekhnē grammatikē* “a arte das letras”. Posteriormente, passou a ser um termo próprio dos estudos referentes à linguagem (BAGNO, 2017, p. 186). Com os avanços nos estudos linguísticos, foram surgindo diferentes gramáticas – a comparativa, a histórica, a universal, a normativa, entre outras. A gramática normativa também chamada de tradicional constitui um conjunto de regras e normas prescritas para o uso correto (fala e escrita) da língua. Contudo, a gramática descritiva se preocupa em descrever os fatos da língua e investigá-los sem atribuir juízo de valor.

Com perspectivas diferentes de abordagem, mas como um manual que orienta o ensino de Língua Portuguesa, as gramáticas normativas e as descritivas constituem o material de apoio à prática pedagógica de muitos professores. Temos ciência de que a gramática

normativa ainda é a mais usada como referência pela maioria dos docentes da educação básica e muitos deles acreditam que ensinar a língua consiste unicamente em ensinar regras gramaticais; porém as discussões sobre um ensino, que dê conta de explicar ocorrências próprias da fala e descreva a língua de acordo com o seu uso, têm se consolidado nos dias atuais. Assim, o professor deve ensinar a língua evidenciando a variante padrão, exigida em situações formais e a variante coloquial, do uso cotidiano, pois o aluno precisa refletir sobre essas variantes e entender em que momento usar cada uma delas, como prevê os documentos que norteiam a educação básica.

Perini (2007) defende que o ensino normativo não é um mal em si, porém tem sido aplicado de modo inadequado o que prejudica os alunos. Para ele, o perigo se configura quando a gramática é transformada em uma doutrina absolutista, voltada à “correção” de possíveis “erros” linguísticos dos discentes, isso contribui para desencorajar os alunos no campo da escrita e desenvolve neles o complexo de inferioridade em relação ao conhecimento linguístico, complexo esse que induz que ninguém sabe Língua Portuguesa. Sobre o desafio que o professor de português tem enfrentado, o autor ressalta que “Se o professor de português tem diante de si um desafio, é o de ir contra essa tradição repressiva, que deforma a imagem de nossa disciplina aos olhos de alunos e ex-alunos” (PERINI, 2007, p.33).

A gramática constitui-se de níveis, dentre eles: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. A fonética e a fonologia estão intimamente ligadas por investigarem o som. A fonética investiga e descreve o som na sua perspectiva material, o que há de concreto; no entanto, a fonologia interpreta e explica os sons obtidos com essa descrição da fala. A morfologia estuda a estrutura das palavras e sua formação. Já a sintaxe se ocupa da organização das palavras em frases e as funções que elas podem desempenhar. E a semântica trata do sentido das palavras, sua significação. Dessa forma, a morfologia, a sintaxe e a semântica normalmente estão interligadas nos estudos linguísticos.

O termo morfologia tem sua origem no grego *morphé* (forma) e *logo* (estudo), compreendendo assim o estudo das formas. Em linguística, somente na segunda metade do século XIX, é que se passou a empregar esse termo para os estudos referentes à estrutura e formação de palavras. Para Camara Jr. (1964), a morfologia estuda os morfemas e os processos de estruturação do sintagma lexical. Portanto, a morfologia consiste na análise dos morfemas e o processo de formação de palavras.

Sobre a composição dos verbos, importante classe de palavras, a partir de uma estrutura padrão em que o radical une-se à vogal temática formando o tema e este se junta aos

sufixos flexionais de tempo e modo, número e pessoa, obtém-se o paradigma flexional dos verbos regulares portugueses, difundido como o “padrão geral”, por Camara Jr. (2005).

Tanto a perspectiva tradicional quanto a linguística apresentam o verbo como um dos conteúdos mais complexos da Língua Portuguesa. Esta complexidade está ligada ao fato de que o verbo apresenta diferentes categorias. Contudo, as discussões acerca dessa classe gramatical iniciam com os conceitos a ela atribuídos.

Para Camara Jr. (2005), o problema da classificação dos vocábulos formais deve ser abordado levando-se em conta simultaneamente os três critérios – o semântico (sentido), o sintático (função) e o morfológico (forma); no entanto, o semântico e o mórfico estão intimamente ligados, ou seja, sentido e forma compõem o que ele chama de critério “morfo-semântico”. Assim, do ponto de vista semântico o verbo representa *processos* e quanto à forma os verbos só podem expressar, por um lado, *tempo e modo* e, por outro, *número e pessoa*.

Nessa perspectiva, Perini (2007) define verbo como palavra que pertence a um lexema- conjunto de palavras que se distinguem através de flexão- cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo. O autor afirma ainda que o verbo é o único que desempenha a função sintática de núcleo do predicado. Assim, considera a classe dos verbos como bem estabelecida, pois os verbos flexionam-se da mesma maneira e desempenham a mesma função sintática.

Bechara (2009) define verbo como a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical. Esse autor ressalta a distinção de verbos nocionais para relacionais, concluindo que a distinção-predicado verbal e predicado nominal- é válida no campo semântico, mas não em termos sintáticos. Ele destaca ainda que o núcleo da oração é sempre o verbo, mesmo que este apresente significado léxico muito amplo e vago.

Já Cunha e Cintra (2017) afirmam que verbo é uma palavra de forma variável que exprime um acontecimento representado no tempo. Os autores destacam que o verbo não possui uma função sintática que lhe seja privativa, pois o substantivo e o adjetivo também podem ser núcleos do predicado e enfatizam que o verbo exerce apenas a função obrigatória de predicado na oração.

No entanto, Perini (2007) critica o conceito de verbo apresentado por Cunha e Cintra (2017). Ele questiona o que vem a ser um *acontecimento representado no tempo* em orações

como “*A água se compõe de hidrogênio e oxigênio*”, pois a afirmação vale para todos os tempos. Perini (2007) ainda diz:

Diante de uma palavra de classificação desconhecida, como decidir (com base na definição) se é um verbo? Que quer dizer “exprime o fato que se passa”? Que vem a ser “um acontecimento representado no tempo”? Não se pode dizer que em (1) Estou impressionado com o sucesso de Pedrinho. *O sucesso de Pedrinho* exprime algo que se passa? Mas onde está o verbo em *o sucesso de Pedrinho*? (...) O que há de claro e característico nos verbos- e que nos permite identificar os verbos sem grande dificuldade- são seus traços morfossintáticos (PERINI, 2007, p.319-320).

Sendo assim, enfatizamos que a definição de verbo deve se apresentar no campo morfológico, mostrando que o verbo flexiona-se em número e pessoa, tempo e modo. Desse modo, é importante o conhecimento dos sufixos flexionais que compõem os verbos e os valores cumulativos expressos por eles para compreensão dessa classe de palavras. De acordo com Camara Jr. (2005),

O verbo é em português o vocábulo flexional, por excelência, dada a complexidade e a multiplicidade das suas flexões. As duas noções gramaticais de tempo e modo, de um lado, e, de outro lado, de pessoa e número do sujeito, que a forma verbal indica em princípio, correspondem a duas desinências, ou sufixos flexionais, que podemos chamar, respectivamente, sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número-pessoal (SNP). Eles se aglutinam intimamente num global sufixo flexional (SF), que se adjunge ao tema do verbo (T), constituído pelo radical (R) seguido da vogal temática (VT) da conjugação correspondente (CAMARA JR., 2005, p.104).

Diante disso, há uma fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal português que permite analisar qualquer forma verbal da nossa língua. Assim, temos: T (R+VT) + SF (SMT + SNP). O primeiro constituinte corresponde ao TEMA e este é a junção do RADICAL- parte invariável, correspondente à significação lexical, permanente, do verbo- e a VOGAL TEMÁTICA- indicativo de cada conjugação I, II ou III. O segundo constituinte corresponde aos Sufixos Flexionais- indicativo das flexões do verbo- eles se subdividem em Sufixo Modo-Temporal- expressa o tempo e o modo do processo verbal e Sufixo Número - Pessoal- indicativo de pessoa e número do sujeito da ação verbal.

Camara Jr. (2005) afirma que o primeiro elemento indivisível, comum a todas as formas de qualquer verbo, é o morfema lexical, que representa a significação do ato expresso pelo verbo. No entanto, ressalta que qualquer um dos morfemas que constitui os sufixos flexionais do vocábulo verbal pode se ausentar, portanto, é necessário considerar a possibilidade de zero, ou seja, presença não materializada para cada um deles ou até mesmo para os dois sufixos, e também mostra que é preciso observar a alomorfa- diferentes formas

de um mesmo morfema- de cada um deles na análise da estrutura verbal. O linguista diz ainda que, em princípio, há na língua portuguesa treze sufixos modo-temporais decorrentes da cumulação num único morfema das ideias de modo e tempo. Ocasionalmente pode haver neles alomorfia na base da classe mórfica ou conjugação (1ª, 2ª ou 3ª) a que este verbo possa pertencer. E, em relação aos sufixos número-pessoais, há seis, que indicam como sujeito as pessoas gramaticais.

De acordo com Camara Jr. (2005), através da análise mórfica cujo princípio é a apreensão dos morfemas, constituindo um vocábulo formal unitário, tem-se uma descrição fiel das formas de uma língua. Por meio da técnica da comutação, que consiste em realizar a permuta de um morfema por outro assinalando as oposições, é que se obtém a análise do verbo português. Para explicar como se faz a comutação, o autor apresenta como exemplo a forma verbal *falamos*. Considera a homonímia da 1ª pessoa do plural do presente e do pretérito perfeito do modo indicativo e, posteriormente, parte do contexto “*falamos aqui neste momento*” para tal fim.

A primeira comutação, que ocorre, é um zero (0), que nos dá o vocábulo *fala*. Como passa então a se tratar de outra pessoa gramatical (a 3ª pessoa do singular), concluímos que *-mos* é que é o morfema da 1ª pessoa plural, ou 4ª pessoa gramatical. Por outro lado, a comparação de *falamos*, como *falávamos*, *faláramos*, *falaremos* e *falaríamos*, indica um presente e um pretérito com morfema zero e dois outros pretéritos, com morfema *-va-* e *-ra-*, respectivamente, e com dois futuros, respectivamente, de morfemas *-re-* (tônico) e *-ria-* (com tonicidade no /i/). Finalmente, a diferença de *falamos* com *bebemos* e *partimos* mostra que os verbos portugueses se distribuem em três classes mórficas (as tradicionais conjugações) (CAMARA JR., 2005, p.72).

A partir do exposto, fica evidente que através dessa técnica a forma verbal *falamos* teve todos os elementos que a compõe – o morfema lexical, o morfema que estabelece a 1ª conjugação, o morfema de tempo/modo e o de pessoa gramatical/número analisados, e assim pode-se proceder na análise de qualquer forma verbal da Língua Portuguesa.

No “padrão geral dos verbos”, defendido por Camara Jr. (2005), os verbos regulares se flexionam da mesma forma e até nas alomorfias há um padrão de flexão. Sendo assim, por meio da análise descritiva de cada componente da estrutura verbal, cuja fórmula geral T (R+VT) + SF (SMT + SNP) permite compreender qualquer verbo regular português. Portanto, percebe-se que não há necessidade de ensinar verbo por meio de repetidas listas de conjugação verbal, ainda muito presentes em grande parte das gramáticas tradicionais - GTs e dos livros didáticos.

Nesse sentido, quanto à estrutura do verbo, a *Moderna Gramática Portuguesa* apresenta o tema sob o ponto de vista do linguista Joaquim Mattoso Camara Jr.. Bechara (2009) traz a constituição da forma verbal portuguesa, explicita as vogais temáticas, os sufixos modo-temporais e número-pessoais- a esses se refere por desinências. Assim, o autor explica a fórmula T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T= tema; R= radical; VT= vogal temática; D= desinência; DMT= desinência modo-temporal e DNP= desinência número-pessoal. Ele apresenta a vogal temática como responsável por identificar a conjugação verbal- 1ª conjugação: a – *cant-a-r*; 2ª conjugação: e – *vend-e-r*; 3ª conjugação: i - *part-i-r*.

Sobre esse tema, Camara Jr. (2005) considera que a divisão em três conjugações verbais é apenas uma representação mais próxima da realidade, pois a primeira conjugação se opõe a outra, que em algumas formas se divide na segunda e terceira conjugações.

Em referência às classes mórficas, ou conjugações, em que se distribuem os nossos verbos, a divisão tripartida é uma aproximação da realidade. Na verdade, em face de uma 1ª classe, ou conjugação I (C I) há outra classe que em certas formas se divide numa conjugação II (C II) e numa conjugação III (C III) (CAMARA JR., 2005, p.105).

O referido autor afirma que o uso da forma nominal de infinitivo para demarcar que os verbos terminados em AR pertencem a 1ª conjugação, ER são da 2ª conjugação e IR da 3ª conjugação dá-se pelo fato do infinitivo ser uma forma neutra, indefinida, que não apresenta flexões e, por isso, constitui o nome do verbo. No entanto, a forma verbal que apresenta vogal temática tônica caracteriza a conjugação a que o verbo pertence, exemplificadas em formas como cantamos, vendemos, partimos. A vogal temática corresponde ao elemento que indica a conjugação verbal e se junta ao radical para formar o tema e este receberá as flexões.

Bechara (2009) diz que conjugar um verbo é dizê-lo em todas as suas formas nas diferentes pessoas, números, tempos, modos e vozes, de acordo com o paradigma. Portanto, para exemplificar como a gramática tradicional trata a conjugação verbal, apresentamos o quadro a seguir.

Quadro 1- Representação do paradigma de conjugação dos verbos regulares, segundo Bechara (2009).

Modo indicativo			Modo subjuntivo		
Presente			Presente		
<u>Cant-o</u>	<u>Vend-o</u>	<u>Part-o</u>	<u>Cant-e</u>	<u>Vend-a</u>	<u>Part-a</u>
<u>cant-a-s</u>	<u>vend-e-s</u>	<u>part-e-s</u>	<u>cant-e-s</u>	<u>vend-a-s</u>	<u>part-a-s</u>
<u>cant-a</u>	<u>vend-e</u>	<u>part-e</u>	<u>cant-e</u>	<u>vend-a</u>	<u>part-a</u>
<u>cant-a-mos</u>	<u>vend-e-mos</u>	<u>part-i-mos</u>	<u>cant-e-mos</u>	<u>vend-a-mos</u>	<u>part-a-mos</u>
<u>cant-a-is</u>	<u>vend-e-is</u>	<u>part-is</u>	<u>cant-e-is</u>	<u>vend-a-is</u>	<u>part-a-is</u>
<u>cant-a-m</u>	<u>vend-e-m</u>	<u>part-e-m</u>	<u>cant-e-m</u>	<u>vend-a-m</u>	<u>part-a-m</u>

Pretérito perfeito			Pretérito imperfeito		
<u>Cant-e-i</u> <u>cant-a-ste</u> <u>cant-o-u</u> <u>cant-a-mos</u> <u>cant-a-stes</u> <u>cant-a-ra-m</u>	<u>Vend-i</u> <u>vend-e-ste</u> <u>vend-e-u</u> <u>vend-e-mos</u> <u>vend-e-stes</u> <u>vend-e-ra-m</u>	<u>Part-i</u> <u>part-i-ste</u> <u>part-i-u</u> <u>part-i-mos</u> <u>par-ti-stes</u> <u>part-i-ra-m</u>	<u>Cant-a-sse</u> <u>cant-a-sse-s</u> <u>cant-a-sse</u> <u>cant-á-sse-mos</u> <u>cant-á-sse-is</u> <u>cant-a-sse-m</u>	<u>Vend-e-sse</u> <u>vend-e-sse-s</u> <u>vend-e-sse</u> <u>vend-ê-sse-mos</u> <u>vend-ê-sse-is</u> <u>vend-e-sse-m</u>	<u>Part-isse</u> <u>part-isse-s</u> <u>part-i-sse</u> <u>part-í-sse-mos</u> <u>part-í-sse-is</u> <u>part-i-sse-m</u>
Pretérito imperfeito			Futuro		
<u>Cant-a-va</u> <u>cant-a-vas</u> <u>cant-a-va</u> <u>cant-á-va-mos</u> <u>cant-á-veis</u> <u>cant-a-vam</u>	<u>Vend-ia</u> <u>vend-ia-s</u> <u>vend-ia</u> <u>vend-ia-mos</u> <u>vend-ie-is</u> <u>vend-ia-m</u>	<u>Part-ia</u> <u>part-ia-s</u> <u>part-ia</u> <u>part-ia-mos</u> <u>part-ie-is</u> <u>part-ia-m</u>	<u>Cant-a-r</u> <u>cant-a-re-s</u> <u>cant-a-r</u> <u>cant-a-r-mos</u> <u>cant-a-r-des</u> <u>cant-a-re-m</u>	<u>Vend-e-r</u> <u>vend-e-re-s</u> <u>vend-e-r</u> <u>vend-e-r-mos</u> <u>vend-e-r-des</u> <u>vend-e-re-m</u>	<u>Part-i-r</u> <u>part-i-re-s</u> <u>part-i-r</u> <u>part-i-r-mos</u> <u>part-i-r-des</u> <u>part-i-re-m</u>
Pretérito mais- que- perfeito			Modo imperativo/ afirmativo		
<u>Cant-a-ra</u> <u>cant-a-ra-s</u> <u>cant-a-ra</u> <u>cant-á-ra-mos</u> <u>cant-á-re-is</u> <u>cant-a-ra-m</u>	<u>Vend-e-ra</u> <u>vend-e-ra-s</u> <u>vend-e-ra</u> <u>vend-ê-ra-mos</u> <u>vend-ê-re-is</u> <u>vend-e-ra-m</u>	<u>Part-i-ra</u> <u>part-i-ras</u> <u>part-i-ra</u> <u>part-í-ra-mos</u> <u>par-tí-re-is</u> <u>par-ti-ram</u>	<u>Cant-a</u> <u>cant-e</u> <u>cant-e-mos</u> <u>cant-a-i</u> <u>cant-e-m</u>	<u>Vend-e</u> <u>vend-a</u> <u>vend-a-mos</u> <u>vend-e-i</u> <u>vend-a-m</u>	<u>Part-e</u> <u>part-a</u> <u>part-a-mos</u> <u>part-i</u> <u>part-a-m</u>
Futuro do presente			Negativo		
<u>Cant-a-rei</u> <u>cant-a-rá-s</u> <u>cant-a-rá</u> <u>cant-a-re-mos</u> <u>cant-a-re-is</u> <u>cant-a-rã-o</u>	<u>Vend-e-rei</u> <u>vend-e-rá-s</u> <u>vend-e-rá</u> <u>vend-e-re-mos</u> <u>vend-e-re-is</u> <u>vend-e-rã-o</u>	<u>Part-i-rei</u> <u>part-i-rá-s</u> <u>part-i-rá</u> <u>part-i-re-mos</u> <u>part-i-re-is</u> <u>part-i-rã-o</u>	<u>Não cant-e-s tu</u> <u>Não cant-e você</u> <u>Não cant-e-mos</u> <u>nós</u> <u>Não cant-e-is</u> <u>vós</u> <u>Não cant-e-m</u> <u>vocês</u>	<u>Não vend-a-s tu</u> <u>Não vend-a você</u> <u>Não vend-a-mos</u> <u>nós</u> <u>Não vend-a-is</u> <u>vós</u> <u>Não vend-a-m</u> <u>vocês</u>	<u>Não part-a-s tu</u> <u>Não part-a</u> <u>Não part-a</u> <u>you</u> <u>Não part-a</u> <u>mos nós</u> <u>Não part-a-is</u> <u>vós</u> <u>Não part-a-m</u> <u>vocês</u>
Futuro do pretérito			Formas nominais/ infinitivo flexionado		
<u>Cant-a-ria</u> <u>cant-a-ria-s</u> <u>cant-a-ria</u> <u>cant-a-rí-a-mos</u> <u>cant-a-rie-is</u> <u>cant-a-ria-m</u>	<u>Vend-e-ria</u> <u>vend-e-ria-s</u> <u>vend-e-ria</u> <u>vend-e-rí-a-mos</u> <u>vend-e-rie-is</u> <u>vend-e-ria-m</u>	<u>Part-i-ria</u> <u>part-i-ria-s</u> <u>part-i-ria</u> <u>part-i-rí-a-mos</u> <u>part-i-rie-is</u> <u>part-i-ria-m</u>	<u>Cant-a-r</u> <u>cant-a-re-s</u> <u>cant-a-r</u> <u>cant-a-r-mos</u> <u>cant-a-r-des</u> <u>cant-a-re-m</u>	<u>Vend-e-r</u> <u>vend-e-re-s</u> <u>vend-e-r</u> <u>vend-e-r-mos</u> <u>vend-e-r-des</u> <u>vend-e-re-m</u>	<u>Part-i-r</u> <u>part-i-re-s</u> <u>part-i-r</u> <u>part-i-r-mos</u> <u>part-i-r-des</u> <u>part-i-re-m</u>
			Gerúndio: Cant-a-ndo/ Vend-e-ndo/ Part-i-ndo Particípio: Cant-a-do/ Vend-i-do/ Part-i-do		

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Bechara (2009).

No quadro acima, apresentamos os verbos regulares *cantar*, *vender* e *partir* flexionados em todos os tempos do modo indicativo, subjuntivo e imperativo. A partir dos elementos estruturais destacados, demonstramos que há uma separação do radical para os demais constituintes, mas não é possível reconhecer que os verbos apresentam um padrão de flexão, pois essa abordagem não favorece o entendimento de que os morfemas flexionais e seus alomorfes se repetem nas conjugações verbais.

A respeito disso, Camara Jr. (2005) afirma que

(...) As nossas gramáticas em regra não se preocuparam mais do que separar o *radical* da *terminação* em nossos verbos. Assim lhes escaparam inteiramente as noções gramaticais, morfema por morfema, que neles pode entrar (CAMARA JR., 2005, p.72).

Portanto, como dito na introdução deste estudo, enfatizamos a importância do ensino de verbo aos discentes da educação básica numa perspectiva de que eles possam também se apropriar do conhecimento dos elementos que compõem o verbo e o entendimento das repetições previsíveis na flexão do verbo regular, de acordo com o padrão geral defendido por Camara Jr. (2005).

Sequenciando, apresentamos, detalhadamente, a seguir os sufixos número-pessoais, nosso objeto de estudo.

2.1 Os sufixos número-pessoais

Os sufixos flexionais dos verbos se dividem em modo-temporais e número-pessoais. Eles são cumulativos e não há como dissociá-los. Na flexão, esses sufixos são acrescentados ao tema- que é a junção do radical com a vogal temática da conjugação correspondente. Cabe aos sufixos flexionais a indicação das noções gramaticais de tempo e modo, pessoa e número.

Como dito, para Camara Jr. (2005), os sufixos modo-temporais ¹ expressam simultaneamente os valores de tempo e modo do processo verbal e os sufixos número-pessoais acumulam os valores de número e pessoa do sujeito da ação verbal, assim, temos treze sufixos modo-temporais (SMT) e seis sufixos número-pessoais (SNP). No padrão geral, é preciso considerar as alomorfas e a possibilidade de zero para esses morfemas.

De acordo com esse autor, os seis sufixos número-pessoais indicam o sujeito: pessoa 1 o falante, pessoa 2 um ouvinte, pessoa 3 um ser que não seja o falante ou o ouvinte, pessoa 4 o falante e mais alguém, pessoa 5 mais de um ouvinte, pessoa 6 mais de um ser que não seja o falante ou o ouvinte.

Nas gramáticas tradicionais, essas pessoas são representadas por 1ª pessoa (eu), 2ª pessoa (tu), 3ª pessoa (ele, ela) do singular. E 1ª pessoa (nós), 2ª pessoa (vós) e 3ª pessoa (eles, elas) do plural.

¹ Os sufixos modo-temporais e as vogais temáticas, de acordo com o padrão geral dos verbos defendido por Camara Jr. (2005), estão dispostos em quadros nos apêndices A e B, páginas 54 e 55, deste estudo.

No quadro a seguir, apresentamos a distribuição dos sufixos número-pessoais dos verbos no padrão geral.

Quadro 2- Representação dos sufixos número-pessoais de acordo com Camara Jr. (2005).

Pessoas – P	Morfemas	Alomorfias
P1	Ø em geral	- o átono final em P1 do presente do indicativo; - i assilábico em pretérito perfeito do indicativo (fundindo-se com a vogal temática <i>-i</i> na II e III conjugação) e em futuro do presente do indicativo.
P2	/S/ em geral	Ø em imperativo; -ste em pretérito perfeito do indicativo.
P3	Ø em geral	-u assilábico em pretérito perfeito do indicativo.
P4	-mos	-----
P5	-is assilábico, ditongando-se com a vogal temática ou a vogal final do sufixo modo-temporal.	-stes em pretérito perfeito do indicativo; -i assilábico em imperativo (fundindo-se com a vogal temática em III conjugação); -des em futuro do subjuntivo.
P6	/N/, escrito -m	^h N/, escrito -m diante de /a/.

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Camara Jr. (2005).

Como mostra o quadro, o morfema de 1ª pessoa do singular é geralmente Ø, como podemos observar em *cantava, vendia, partiria*; no entanto, no presente do indicativo representa-se pelo alomorfe *-o* (*canto, vendo, parto*), no pretérito perfeito do indicativo representa-se pelo alomorfe *-i* na II e III conjugação (*vendi, parti*) fundindo-se com a vogal temática *-i*. E no futuro do presente do indicativo representa-se também pelo alomorfe *-i* nas três conjugações (*cantarei, venderei, partirei*).

O morfema de 2ª pessoa do singular representa-se por *-s* em geral, como é perceptível em *cantas, vendas, partirás*. No pretérito perfeito do indicativo, representa-se pelo alomorfe *-ste* (*cantaste, vendeste, partiste*) e no modo imperativo é Ø. O morfema de 3ª pessoa do singular geralmente é Ø (*canta, vendera, partiria*); e no pretérito perfeito do indicativo representa-se pelo alomorfe *-u* (*cantou, vendeu, partiu*).

O morfema de 1ª pessoa do plural representa-se apenas por *-mos* (*cantamos, vendíamos, partiremos*). O morfema de 2ª pessoa do plural é representado geralmente por *-is* (*cantais, vendeis, partireis*); no pretérito perfeito do indicativo representa-se pelo alomorfe *-stes* (*cantastes, vendestes, partistes*), no futuro do subjuntivo representa-se pelo alomorfe *-des* (*cantardes, venderdes, partirdes*) e no imperativo representa-se pelo alomorfe *-i* (*cantai, vendei*), fundindo com a vogal temática *-i* em terceira conjugação (*parti*). O morfema de 3ª pessoa do plural é representado por /N/, escrito *-m* e pelo alomorfe ^hN/, escrito *-m* diante de

/a/ (*cantem, vendam*). Portanto, é possível observar que esses verbos seguem um padrão de flexão.

A respeito das flexões verbais, as gramáticas tradicionais de Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2009) apresentam posicionamentos convergentes, pois afirmam que o vocábulo verbal apresenta flexão de número, de pessoa, de modo, de tempo e de aspecto; no entanto, os primeiros autores citados dizem que o verbo também se flexiona em voz. Em relação às flexões de número e pessoa, os autores admitem que os verbos indicam as três pessoas (1^a, 2^a e 3^a) do discurso para o singular e para o plural. Segundo Cunha e Cintra (2017), na flexão de pessoa o verbo apresenta três pessoas em relação ao sujeito: a primeira é a que fala – *eu/nós*; a segunda a quem se fala – *tu/vós*; a terceira de quem se fala – *ele,ela/eles,elas*. Nesse sentido, Bechara (2009) exemplifica as categorias de número e pessoa com o verbo cantar- 1.^a pessoa do singular: *eu canto*; 2.^a pessoa do singular: *tu cantas*; 3.^a pessoa do singular: *ele canta*; 1.^a pessoa do plural: *nós cantamos*; 2.^a pessoa do plural: *vós cantais*; 3.^a pessoa do plural: *eles cantam*.

Desse modo, acerca dos sufixos número-pessoais, a perspectiva tradicional conflui com a linguística ao afirmarem que esses sufixos representam a 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular e do plural indicando o sujeito da ação verbal. Contudo, como já expusemos um quadro exemplificando a flexão dos verbos *cantar, vender e partir* de acordo com as GTs; no quadro a seguir, demonstramos como a flexão desses mesmos verbos regulares se dá segundo os pressupostos linguísticos de Camara Jr. (2005).

Quadro 3- Representação da flexão dos verbos regulares cantar, vender e partir, segundo Camara Jr. (2005).

CANTAR				VENDER				PARTIR			
PRESENTE DO INDICATIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	á	Ø	O	Vend	é	Ø	O	Part	i	Ø	O
Cant	a	Ø	S	Vend	e	Ø	S	Part	e	Ø	S
Cant	a	Ø	Ø	Vend	e	Ø	Ø	Part	e	Ø	Ø
Cant	a	Ø	Mos	Vend	e	Ø	MOS	Part	i	Ø	Mos
Cant	a	Ø	Is	Vend	e	Ø	IS	Part	i	Ø	Is
Cant	a	Ø	M	Vend	e	Ø	M	Part	e	Ø	M
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	a	va	Ø	Vend	i	ia	Ø	Part	i	ia	Ø
Cant	a	va	S	Vend	i	ia	S	Part	i	ia	S
Cant	a	va	Ø	Vend	i	ia	Ø	Part	i	ia	Ø
Cant	á	va	Mos	Vend	í	ia	Mos	Part	í	ia	Mos
Cant	á	ve	Is	Vend	í	ie	Is	Part	í	ie	Is
Cant	a	va	M	Vend	i	ia	M	Part	i	ia	M
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	e	Ø	I	Vend	i	Ø	I	Part	i	Ø	I

Cant	a	Ø	STE	Vend	e	Ø	STE	Part	i	Ø	STE
Cant	o	Ø	U	Vend	e	Ø	U	Part	i	Ø	U
Cant	a	Ø	MOS	Vend	e	Ø	MOS	Part	i	Ø	MOS
Cant	a	Ø	STES	Vend	e	Ø	STES	Part	i	Ø	STES
Cant	a	ra	M	Vend	e	ra	M	Part	i	ra	M
PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO DO INDICATIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	a	ra	Ø	Vend	e	ra	Ø	Part	i	ra	Ø
Cant	a	ra	S	Vend	e	ra	S	Part	i	ra	S
Cant	a	ra	Ø	Vend	e	ra	Ø	Part	i	ra	Ø
Cant	á	ra	Mos	Vend	e	ra	Mos	Part	í	ra	Mos
Cant	á	re	Is	Vend	e	re	Is	Part	í	re	Is
Cant	a	ra	M	Vend	e	ra	M	Part	i	ra	M
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	a	re	I	Vend	e	re	I	Part	i	re	I
Cant	a	rá	S	Vend	e	rá	S	Part	i	rá	S
Cant	a	rá	Ø	Vend	e	rá	Ø	Part	i	rá	Ø
Cant	a	re	Mos	Vend	e	re	Mos	Part	i	re	Mos
Cant	a	re	Is	Vend	e	re	Is	Part	i	re	Is
Cant	a	rã	O	Vend	e	rã	O	Part	i	rã	O
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	a	ria	Ø	Vend	e	ria	Ø	Part	i	ria	Ø
Cant	a	ria	S	Vend	e	ria	S	Part	i	ria	S
Cant	a	ria	Ø	Vend	e	ria	Ø	Part	i	ria	Ø
Cant	a	ría	Mos	Vend	e	ría	Mos	Part	i	ría	Mos
Cant	a	ríe	Is	Vend	e	ríe	Is	Part	i	ríe	Is
Cant	a	ria	M	Vend	e	ria	M	Part	i	ria	M
PRESENTE DO SUBJUNTIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	ã	e	Ø	Vend	ê	a	Ø	Part	i	a	Ø
Cant	ã	e	S	Vend	ê	a	S	Part	i	a	S
Cant	ã	e	Ø	Vend	ê	a	Ø	Part	i	a	Ø
Cant	ã	e	Mos	Vend	ê	a	Mos	Part	i	a	Mos
Cant	ã	e	Is	Vend	ê	a	Is	Part	i	a	Is
Cant	ã	e	M	Vend	ê	a	M	Part	i	a	M
PRETÉRITO DO SUBJUNTIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	a	sse	Ø	Vend	e	sse	Ø	Part	i	sse	Ø
Cant	a	sse	S	Vend	e	sse	S	Part	i	sse	S
Cant	a	sse	Ø	Vend	e	sse	Ø	Part	i	sse	Ø
Cant	á	sse	Mos	Vend	ê	sse	Mos	Part	í	sse	Mos
Cant	á	sse	Is	Vend	ê	sse	Is	Part	í	sse	Is
Cant	a	sse	M	Vend	e	sse	M	Part	i	sse	M
FUTURO DO SUBJUNTIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	a	r	Ø	Vend	e	r	Ø	Part	i	r	Ø
Cant	a	r	ES	Vend	e	r	ES	Part	i	r	ES
Cant	a	r	Ø	Vend	e	r	Ø	Part	i	r	Ø
Cant	a	r	MOS	Vend	e	r	MOS	Part	i	r	MOS
Cant	a	r	DES	Vend	e	r	DES	Part	i	r	DES
Cant	a	r	EM	Vend	e	r	EM	Part	i	r	EM
IMPERATIVO											
R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP	R	VT	SMT	SNP
Cant	a	Ø	Ø	Vend	e	Ø	Ø	Part	e	Ø	Ø
Cant	ã	e	Ø	Vend	ê	a	Ø	Part	i	a	Ø

Cant	ã	e	Mos	Vend	é	a	Mos	Part	i	a	Mos
Cant	a	Ø	I	Vend	e	Ø	I	Part	i	Ø	I
Cant	ã	e	M	Vend	é	a	M	Part	i	a	M
FORMAS NOMINAIS											
INFINITIVO											
R	VT	SMT		R	VT	SMT		R	VT	SMT	
Cant	a	r		Vend	e	r		Part	i	r	
Gerúndio											
R	VT	SMT		R	VT	SMT		R	VT	SMT	
Cant	a	ndo		Vend	e	ndo		Part	i	ndo	
Particípio											
R	VT	SMT		R	VT	SMT		R	VT	SMT	
Cant	a	do		Vend	i	do		Part	i	do	

Fonte: Elaboração própria, com base em Camara Jr. (2005).

No quadro acima representamos todos os morfemas constituintes do verbo para mostrar que a flexão verbal segue um padrão. Percebe-se, por exemplo, que o sufixo modo-temporal em todo presente do indicativo é Ø e que há uma supressão da vogal temática na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todas as pessoas do presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo que derivam do subjuntivo. Em algumas ocorrências da segunda e terceira conjugações, há também a crase da vogal temática com o sufixo número-pessoal (*vendi, parti, partis*). Através da análise do quadro, vê-se ainda que os sufixos flexionais e seus alomorfes se repetem nas conjugações. Assim, destacamos os sufixos número-pessoais para evidenciar a repetição deles ao longo da conjugação dos verbos regulares e as alomorfas que também se repetem. Como é possível observar no alomorfe *-ste* de segunda pessoa do singular (*cantaste, vendeste, partiste*) e ainda com o alomorfe *-u* de terceira pessoa do singular em (*cantou, vendeu, partiu*). Assim, reafirmamos que os demais verbos regulares de cada conjugação se flexionarão desse mesmo modo, ou seja, seguindo um padrão.

Contudo, diante de estudos descritivos sobre a flexão verbal na fala, observa-se que muitos falantes do Português Brasileiro-PB não realizam algumas dessas flexões número-pessoais nas situações comunicativas deles. Na prática, esses falantes realizam as flexões de 1ª pessoa (*eu canto*) e de 3ª pessoa do singular para as demais pessoas gramaticais. É comum na língua coloquial expressões como (*eles canta, nós/nois cantou*).

Segundo Pontes (1972), ao analisar a flexão verbal na língua coloquial espontânea de falantes do Rio de Janeiro, em relação à pessoa e número, a segunda e a terceira pessoas do discurso são expressas pela mesma forma verbal. Há formas com a pessoa do falante incluída (*eu/ nós*) e com o falante excluído (*você/ele-ela/ vocês/eles-elas*). Assim, essas formas se diferenciam também em número - singular ou plural- e se opõem de acordo com a inclusão ou exclusão do falante.

Diante disso, segundo a autora, temos, portanto, no uso cotidiano, apenas quatro pessoas do discurso, primeira e segunda pessoas do singular e primeira e segunda pessoas do plural, conforme o quadro a seguir.

Quadro 4- Representação das oposições de pessoa e número de acordo com Pontes (1972).

Pessoa	Número	Exemplos
1 ^a	Singular	“Eu mesma <i>sustento</i> meus estudos.” “... mesmo assim eu <i>descansei</i> bastante.”
2 ^a	Singular	“Ele <i>mudou</i> a velocidade.” “... você <i>aproveitou</i> alguma coisa?”
3 ^a	Plural	“... se não ficar boa, nós <i>gravamos</i> outra.” “... <i>juntamos</i> dinheiro, <i>emprestamos</i> prá ele...”
4 ^a	Plural	“Se eles <i>conseguissem</i> consertar...” “Vocês <i>viram</i> o candôblé?”

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Pontes (1972).

De acordo com os exemplos do quadro, há as formas verbais que incluem a pessoa do falante (*sustento, descansei/ gravamos, juntamos, emprestamos*) em oposição às que excluem o falante (*mudou, aproveitou/ conseguissem, viram*) e elas se diferenciam também quanto ao número: singular (*sustento, descansei/ mudou, aproveitou*) e plural (*gravamos, juntamos, emprestamos/ conseguissem, viram*).

Pontes (1972) afirma que há neutralização de pessoas quando nos paradigmas verbais não há distinção entre a primeira pessoa (*eu entendia*) e a segunda pessoa (*ele entendia*). E ressalta que também há neutralização de pessoas no uso frequente de “a gente” em que o verbo é flexionado na terceira pessoa do singular (*a gente vai*). Ainda de acordo com Pontes (1972), em relação ao número, há neutralização quando o sujeito da ação verbal é indeterminado em que a quarta pessoa (eles-elas, vocês) não se refere necessariamente a mais de uma pessoa. Como exemplo, a autora traz “No aeroporto *deram* aquele disco prá ele guardar” (PONTES, 1972, p.70).

Como as mudanças na fala refletem na escrita, ao longo dos anos, as 2^a e 5^a pessoas gramaticais praticamente desapareceram, elas são raramente usadas e podem ser encontradas em textos literários, mas estão ausentes nas práticas cotidianas da língua da maioria dos falantes. Normalmente, os pronomes *tu* e *vós* são substituídos por *você/ vocês* e os usuários flexionam os verbos na 3^a pessoa.

Diante disso, enfatizamos a importância de se ensinar a língua a partir da reflexão linguística. Entendemos também que ao reconhecer os sufixos número-pessoais e os valores cumulativos expressos por eles, facilitará para os discentes a compreensão da concordância do verbo com o sujeito.

Camara Jr. (2005) defende que é a própria natureza da frase que impõe uma sistematização coerente. Os morfemas flexionais estão correlacionados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação. A concordância é um traço característico do morfema flexional. Segundo esse autor,

Há concordância de número singular e plural e de gênero masculino e feminino entre um substantivo e seu adjetivo, como há concordância de pessoa gramatical entre o sujeito e o verbo, e depende da espécie de frase a escolha da forma temporal e modal do verbo (CAMARA JR., 2005, p. 82).

Nessa perspectiva, Perini (2007) afirma que o sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado. Sendo assim,

Há um conjunto de formas verbais que são chamadas “de terceira pessoa”: *chega, chegou, chegará, chegam, chegaram, chegarão etc.* Essas formas se harmonizam com a imensa maioria dos SNs: as três primeiras com SNs no singular, as três últimas com SNs no plural. Assim, temos: (67) *Minhas sobrinhas chegaram/ chegam/ chegarão de trem.* (68) *Minha sobrinha chegou/ chega/ chegará de trem.* Nessas frases, o SN *minha(s) sobrinha(s)* está em relação de concordância com o NdP e é, portanto, o sujeito (PERINI, 2007, p. 181).

O referido autor diz que há um reduzido número de itens que têm formas especiais do verbo para manifestar a concordância. São eles os de primeira pessoa (*eu, nós*) ou de segunda pessoa (*tu, vós*). Esses últimos são de pouco uso no português padrão brasileiro atual. Contudo, os de primeira pessoa são muito usados e os verbos assumem formas diferentes em relação à segunda e terceira pessoas. Para exemplificar, o autor traz “(69) *Eu cheguei/ chego/ chegarei de trem.* (70) *Nós chegamos/ chegamos/ chegaremos de trem*”(PERINI, 2007, p. 181).

Perini (2007) também afirma que um SN composto de elementos de primeira e de terceira pessoa é considerado de terceira pessoa plural, como em “*Minhas sobrinhas e eu chegamos de trem*”. Assim, “*minhas sobrinhas*” é um SN marcado de terceira pessoa, “*eu*” é de primeira pessoa e *sobrinhas* é de terceira pessoa. Ele diz que os traços das palavras são marcas próprias, léxicas e para a concordância com o verbo, prevalece o SN maior de todos (PERINI, 2007, p. 181-182).

Assim, o que não podemos negar é que tanto na perspectiva linguística quanto na tradicional a importância do verbo é inquestionável. Portanto, enfatizamos que os aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos dessa classe gramatical devem ser trabalhados com os discentes das últimas séries do ensino fundamental para que os mesmos possam ampliar sua capacidade linguística e adquirir as habilidades e competências indicadas para esse ciclo.

Isto posto, ressaltamos que neste estudo não seria possível abordar amplamente todos os temas referentes a verbo, assim, buscamos enfatizar os elementos estruturais, principalmente as desinências número- pessoais e a importância delas na aprendizagem de verbo. A seguir, apresentamos em 2.1, a morfologia verbal na perspectiva de duas coleções didáticas.

2.2 A morfologia verbal na perspectiva de livros didáticos

O livro didático é um dos recursos que os professores na educação básica têm acesso e instrumentalizam a sua prática pedagógica. Através do Programa Nacional do Livro Didático-PNLD, programa criado pelo MEC, os professores da rede pública de ensino realizam a escolha do material pedagógico a ser trabalhado por três anos.

Muitos livros didáticos se baseiam nas gramáticas normativas trazendo o ensino de morfologia verbal numa perspectiva tradicional. Com isso, é comum o foco na memorização das desinências e não nos valores que elas expressam. Assim, muitas vezes, o aluno decora as terminações e não compreende que elas têm uma significação. Ele é conduzido a decorar as flexões de cada verbo em todos os tempos e modos, o que dificulta a aprendizagem. Pois, se fosse ensinado o padrão de flexão verbal da I, II e III conjugação dos verbos regulares, os discentes entenderiam que não há a necessidade de decorar listas de conjugação verbal, uma vez que os verbos pertencentes a cada grupo se flexionam da mesma forma.

Contudo, há coleções didáticas atuais que foram elaboradas visando à aquisição do conhecimento gramatical a partir da análise do uso da língua. Dessa forma, esses livros trazem atividades epilinguísticas cujo objetivo consiste em desenvolver a competência linguística dos alunos por meio de exercícios que proporcionem a reflexão sobre o uso da língua.

Sendo assim, analisaremos a abordagem de verbos em duas coleções didáticas expondo em que elas se diferem quanto ao método de ensino. A escolha desses livros se deve ao fato de que essas coleções nortearam, nos últimos anos, o ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas da rede municipal de Guanambi, cidade onde reside a pesquisadora.

2.2.1 Um apanhado da abordagem de verbo na coleção didática *Vontade de Saber Português*

A coleção intitulada *Vontade de Saber Português*, de Tavares e Conselvan (2012), disponibilizada pela editora FTD, com livros do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, foi

trabalhada pelos professores de língua portuguesa das escolas municipais guanambienses nos anos letivos de 2014 a 2016.

Tavares e Conselvan (2012) afirmam que procuraram abordar questões estruturais, funcionais e interacionais, a fim de proporcionar um ensino significativo e prazeroso da nossa língua. Para isso, os exemplares do 6º ao 9º ano estão organizados em seis unidades, cada uma composta por dois capítulos, apresentando seções que contemplam leitura, escrita, oralidade e análise linguística, como demonstra o quadro a seguir.

Quadro 5- Representação da organização dos livros do 6º ao 9º ano, de Tavares e Conselvan (2012).

Unidades	Capítulos	Seções	Subseções
1	1 e 2 em cada unidade	Leitura 1	-----
		Estudo do texto	Conversando sobre o texto
			Escrevendo sobre o texto
			Discutindo ideias, construindo valores
Explorando a linguagem			
2		Ampliando a linguagem	Praticando
		Produção escrita	Pensando na produção do texto
			Produzindo o texto
Avaliando a produção			
3		Leitura 2	-----
	Estudo do texto	Conversando sobre o texto	
		Escrevendo sobre o texto	
		Discutindo ideias, construindo valores	
Explorando a linguagem			
4	Interação entre os textos	-----	
	Ampliando a linguagem	Praticando	
5	Produção oral	Dicas para que a atividade seja bem-sucedida	
	Ampliando a linguagem	-----	
6	A língua em estudo	Refletindo e conceituando	
		Praticando	

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Tavares e Conselvan (2012).

A partir do quadro acima, observamos que cada capítulo apresenta as propostas de leitura 1 e 2 com a seção *Estudo do texto* dividida em subseções- *Conversando sobre o texto*; *Escrevendo sobre o texto*; *Discutindo ideias, construindo valores*; *Explorando a linguagem*. A seção *Ampliando a linguagem* e a subseção *Praticando*. A seção *Produção escrita* dividida em *Pensando na produção do texto*; *Produzindo o texto*; *Avaliando a produção* e também a seção *Produção oral* com o boxe *Dicas para que a atividade seja bem-sucedida*. Os estudos gramaticais estão presentes na seção *A língua em estudo* que subdivide em *Refletindo e conceituando* e *Praticando*- por meio de exemplos extraídos de textos que têm relação com a

temática e o gênero textual explorado no capítulo, as autoras apresentam o conteúdo, conceituam e propõem atividades com foco em identificação, conceito e uso.

Após essa exposição da estrutura da referida coleção, é importante salientar que o verbo e os seus temas estão dispostos de forma sequenciada nos livros do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Ressaltamos que os alunos do 8º ano do ensino fundamental devem dominar verbo e suas flexões, realizar a concordância verbal e empregar corretamente os verbos em suas produções escritas; assim como posto na BNCC (2017) quando afirma que os alunos do 8º e 9º anos devem ter as habilidades de “*Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.*” e ainda “*Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período*” (BRASIL, 2017, p. 187).

Sendo assim, para exemplificarmos como o verbo é exposto nesta coleção, e considerando que o nosso objeto de estudo são as desinências número-pessoais em verbos regulares, tema essencial para que os discentes dos últimos anos do fundamental possam demonstrar o conhecimento morfossintático em suas produções escritas, apresentamos como esta coleção dispõe os temas verbais e, em seguida, descrevemos o exemplar do 6º ano que traz o conceito de verbo e as flexões verbais, temas discutidos neste trabalho.

No volume do 6º ano, há o conceito de verbo, de locução verbal e conjugação verbal, apresentando resumidamente as flexões de número e pessoa, tempo e modo. O volume do 7º ano traz a síntese da estrutura do verbo- radical, vogal temática, desinência número-pessoal e modo-temporal; as formas nominais; verbos regulares e irregulares; conjugações de verbos em tempos do indicativo; os modos subjuntivo e imperativo; verbo de ligação, transitividade verbal; predicado verbal. No exemplar do 8º ano, as autoras abordam as vozes verbais- voz passiva analítica e sintética, período simples e composto. Já o livro do 9º ano apresenta as orações coordenadas e subordinadas e os temas relativos a esse assunto; encerram a explanação com concordância e regência verbal.

A abordagem de verbo se dá de maneira tradicional com exercícios voltados para a metalinguagem, como já podemos perceber no conceito de verbo apresentado no exemplar do 6º ano. Na unidade 5- *O prazer de ler*, capítulo 2- *De página em página uma emoção*, na seção *A língua em estudo*, páginas 205 a 211, as autoras trazem verbo a partir de uma história em quadrinhos de Marco e sua turma, do cartunista Tako X.

Apresentamos a seguir a referida história em quadrinhos e a análise da mesma.

Figura 1- História em quadrinhos de Marco e sua turma, do cartunista Tako X.



Fonte: Tavares e Conselvan (2012), página 205.

Diante da HQ apresentada acima, é perceptível que nos cinco primeiros quadrinhos temos os desenhos que representam as ações praticadas por Marco num dia intenso. Como exemplo, podemos citar que ele brinca com os amigos, acorda, brinca na sala de aula, no recreio e compra sorvete com um amigo na sorveteria. No quadro seguinte, o personagem afirma que foi um dia gostoso, mas que sente falta de algo. E no último quadrinho, uma amiga o derruba enquanto ele tomava o sorvete e o personagem diz que estava faltando isso.

Logo após a HQ, as autoras propõem os seguintes questionamentos: *Ao longo do dia, Marco praticou algumas ações. Quais?; Segundo Marco, o que faltou para que o dia dele fosse completo? Justifique.; O humor dessa HQ ocorre principalmente no último quadrinho. Explique.* As possíveis respostas direcionam para o conceito de verbo, apresentado num quadro onde lê-se: “ Durante o dia, Marco praticou diversas ações, como acordar, estudar, brincar etc. Palavras que são usadas para indicar ações recebem o nome de *verbos*. Além de ação, os verbos podem expressar: fenômeno meteorológico ou da natureza” (TAVARES; CONSELVAN, 2012, P.205).

O texto e as questões são usados como suporte para a apresentação desse conceito de verbo. No entanto, essa definição não condiz com a recomendação de Perini (2007) de que a

definição de verbo deve se dá no campo morfológico em que fica evidente sua identificação diante de outras classes.

Posteriormente, o livro traz o conceito de locução verbal como expressões formadas por mais de um verbo cuja ideia principal é apresentada pelo último verbo- verbo principal- que vem acompanhado de um auxiliar- verbo sem sentido próprio- e apresenta os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *ir*, *haver* e *ter* como os mais comuns, acompanhados de dois exemplos.

Nessa mesma unidade, na página 206, no título *Conjugação verbal*, pede-se que o aluno releia trecho da crônica “*Onde já se viu?*”- presente no início do segundo capítulo- com as formas *prefere*, *perguntei*, *disse*, *queria* e *compra* destacadas e a solicitação para que procurem-nas no dicionário e observem as terminações. Após a proposta anterior, há um quadro síntese com as três conjugações verbais e na seção *Praticando* exercícios para identificação de verbos e locuções verbais. Não há referência à vogal temática, quando aborda as três conjugações.

Em relação à flexão verbal, as autoras trazem a mesma abordagem das GTs. Na página 208, elas afirmam que o verbo pode flexionar-se em número, pessoa, tempo e modo e que essas variações ou terminações chamam-se flexões verbais. As flexões de número e pessoa, de modo e de tempo são apresentadas a partir da interpretação de poema e tirinha. As autoras citam as três pessoas do singular e do plural e em relação aos modos trazem as seguintes definições: o imperativo- expressa ordem, pedido, conselho, orientação ou súplica. O indicativo- expressa certeza, convicção. O subjuntivo- expressa incerteza, dúvida, hipótese.

Quanto à flexão de tempo, Tavares e Conselvan (2012) relatam que os verbos identificam o tempo em que um fato acontece e os principais tempos são: Pretérito – indica uma ação ocorrida antes do momento em que se fala. Presente- indica uma ação no momento em que se fala e também uma ação que acontecerá no futuro. E futuro- indica uma ação que irá ocorrer após o momento da fala. Depois dessas explicações, na seção *Praticando*, há quatro questões sobre modos e tempos verbais, empregados em uma receita culinária e em bilhetes. Assim, concluem a explanação sobre os temas destinados a este exemplar.

Observamos que o conteúdo é apresentado de maneira sucinta. Porém, percebemos que a organização em seções que perpassam desde uma primeira conversa sobre o assunto até a produção escrita e análise linguística pode instigar o interesse do aluno, uma vez que a cada etapa ele vai desenvolvendo atividades diversificadas; além de proporcionar em cada capítulo o contato com diferentes gêneros textuais.

Na sequência, apresentamos a abordagem de verbo segundo Pereira, Barros e Mariz (2015).

2.2.2 Um apanhado da abordagem de verbo na coleção didática *Universos- Língua Portuguesa*

A coleção *Universos- Língua Portuguesa*, de Pereira, Barros e Mariz (2015), editada pela SM, com exemplares do 6º ao 9º ano, foi escolhida como o material didático a ser trabalhado, nos anos letivos de 2017 a 2019, pelos professores de Língua Portuguesa das escolas municipais da cidade de Guanambi.

De acordo com as autoras da coleção *Universos- Língua Portuguesa*, a proposta é desenvolver a competência linguística dos alunos por meio da “gramática do texto, no texto” com atividades que proporcionem a reflexão sobre o uso da língua- a reflexão epilinguística.

Portanto, as autoras trabalham diferentes gêneros textuais para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos sem desprezar os conteúdos de análise linguística. Nesse sentido, também enfatizamos a importância do professor de Língua Portuguesa trabalhar os gêneros textuais aliados a conteúdos gramaticais a fim de propiciar aos educandos oportunidades para refletirem sobre o uso da língua em contextos diferentes.

A coleção *Universos- Língua Portuguesa* traz a mesma organização do volume 6 ao 9 para a exposição dos conteúdos. Os exemplares contêm quatro unidades, cada uma apresenta três capítulos compostos por seções fixas e subseções, conforme o quadro a seguir.

Quadro 6- Representação da organização dos livros do 6º ao 9º ano, de Pereira, Barros e Mariz (2015).

Unidades	Capítulos	Seções	Subseções	Suplemento
De 01 a 04	1, 2 e 3 em cada unidade	Antes da leitura	-----	Mais gramática
		Durante a leitura	-----	
		Texto	-----	
		Depois da leitura	A reconstrução dos sentidos do texto	Boxe: Oficina de textos
			A gramática na reconstrução dos sentidos do texto	
Avalie o que você aprendeu				

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Pereira, Barros e Mariz (2015).

De acordo com o quadro acima, os capítulos 1, 2 e 3 estão organizados pelas seções *Antes da leitura; Durante a leitura; Texto e Depois da leitura*- essa última seção apresenta as

subseções: *A reconstrução dos sentidos do texto*, *A gramática na reconstrução dos sentidos do texto* e *Avalie o que você aprendeu*- com indicação de ampliação do conhecimento gramatical no suplemento *Mais gramática*, no final do livro. E, em alguns capítulos, há o boxe *Oficina de textos*, com a proposta *Qual é o gênero?*, em que o aluno deverá escolher, entre quatro opções, o gênero textual mais adequado a uma determinada situação hipotética.

A coleção analisada parte do gênero textual em estudo para discutir o conteúdo gramatical relacionado ao emprego deste no texto. Assim, no volume do 6º ano as autoras discutem o uso dos tempos verbais em uma notícia, citam os verbos de dizer, abordam a escolha do tempo, a concordância e modos verbais, os efeitos de sentido do uso dos verbos em narrativas, o uso do modo subjuntivo e sugerem visitar o suplemento *Mais gramática* para ampliar os estudos sobre os três modos verbais.

O volume do 7º ano aborda o uso do pretérito mais-que-perfeito, os tempos verbais nas narrativas, a concordância do verbo anteposto ao sujeito e no suplemento *Mais gramática* os tempos do modo indicativo e as formas nominais. O exemplar do 8º ano relembra sucintamente a flexões dos verbos empregados em um relato de viagem, os usos do modo imperativo e indicativo e os efeitos de sentido em relatos ou em textos instrucionais. Nesse volume, as autoras destacam os complementos verbais, os períodos simples e compostos e sugerem a ampliação desses temas no suplemento *Mais gramática*.

O livro do 9º ano traz uma questão sobre o uso do presente histórico em narrativas, o presente em perguntas retóricas. O foco está no período composto por coordenação e subordinação e há o convite para rever as orações e períodos no suplemento *Mais gramática*.

Como os livros trazem o conteúdo gramatical a partir do que é possível analisar nos textos do capítulo em estudo, não há uma sequência na abordagem de temas relacionados a verbos. Assim, descreveremos o exemplar do 6º ano que também faz referência ao conceito e as flexões número-pessoais dos verbos.

No livro do 6º ano, na seção *A gramática na reconstrução dos sentidos do texto*, as autoras retomam o texto base do capítulo 4- *Aconteceu, virou manchete*: a notícia *Tartaruga marinha ingere lixo e morre após ser resgatada pela polícia ambiental*, de Ciro Marques, publicada no jornal Tribuna do Norte, para abordar verbo. A partir de trechos desta notícia, elas propõem questões de identificação de verbos e tempos verbais conduzindo o aluno a perceber que, geralmente, num texto desse gênero, os verbos estão empregados nos tempos do modo indicativo. Em seguida, as autoras citadas sugerem que os alunos, antes de responderem

as demais atividades, revisem o modo indicativo na seção *Mais gramática*, páginas 2015 a 218.

Portanto, nessas páginas, há uma bateria de exercícios a fim de sistematizar a aprendizagem do tema em estudo. Na primeira questão, os alunos deverão identificar, em diversas proposições, aquelas em que as palavras inventadas funcionem como verbos; na segunda terão que identificar o tempo em que essas formas verbais inventadas foram empregadas; na terceira deverão responder questionamentos que enfatizam a flexão de pessoa e número; na quarta deverão falar sobre o uso de tu ou você, a gente ou nós, vós ou vocês na região em que residem. Na quinta terão que conjugar o verbo inventado *funtar* no presente, passado e futuro; na sexta identificarem que esse verbo está no modo indicativo. Na sétima substituírem os verbos inventados por reais nas orações e indicar se eles expressam ação, acontecimento, fenômeno ou ligam características, baseando-se no pequeno quadro que traz o conceito de verbo como palavras que expressam esses valores.

Destacamos que ainda que essas autoras apresentem um conceito de verbo similar ao apresentado pelas autoras da coleção analisada na subseção anterior, as atividades são mais criativas e tratam de maneira mais ampla a flexão de pessoa e número. Assim, com a abordagem do conteúdo de análise linguística por meio do texto em estudo, a explanação de alguns temas gramaticais necessita de complementação. Para isso, o suplemento *Mais gramática* contribui para que o professor amplie a abordagem do tema, oriente os alunos através dos exercícios propostos e revise temas já trabalhados.

No capítulo 6, o texto base é um cartaz de propaganda de uma campanha realizada em 2011 para conscientizar as pessoas a separarem o lixo; através dele são apresentadas atividades que analisam o emprego do modo imperativo no gênero textual em questão e num pequeno quadro intitulado *Arquivo* indica que o modo imperativo pode expressar um apelo, uma ordem, uma exigência ou um conselho. No intuito de fazer com que o aluno compreenda as flexões de pessoa e número desse modo, o livro sugere visitar as páginas 218 e 219, da seção *Mais gramática*. Nessas páginas há a proposta de conjugação dos verbos *praticar* e *abusar* no modo imperativo e exercícios similares aos já contemplados na seção *A gramática na reconstrução dos sentidos do texto*.

Sobre o uso dos verbos em narrativas, no capítulo 10, há uma narração futebolística da copa do mundo de 2002 e, depois de sugerir vários exercícios sobre o gênero, tem uma questão que exige dos alunos a identificação dos verbos utilizados para dar ritmo à narração. No capítulo 12, por meio da crônica *O técnico*, de Luis Fernando Veríssimo, as atividades são

disponibilizadas para a identificação e análise do uso de verbos no modo subjuntivo em crônicas. No quadro *Arquivo* consta a informação de que o modo subjuntivo expressa possibilidade, hipótese. Mais uma vez, com o intuito de ampliar o conhecimento já adquirido, os alunos são direcionados a realizarem os exercícios da seção *Mais gramática*, nas páginas 220 a 223.

Considerando a exposição anterior, observamos que as autoras orientam diversos exercícios enfatizando o emprego dos verbos em diferentes gêneros textuais. E essa prática é essencial para a ampliação da competência linguística dos alunos. O ensino da língua através de atividades epilinguísticas faz com que o discente aprenda o conteúdo gramatical a partir do uso e isso favorece uma aprendizagem significativa, ampliando a sua capacidade linguística.

2.2.3 Considerações acerca da abordagem de verbo nas coleções didáticas analisadas

Em relação à abordagem de conteúdos gramaticais, percebemos que as coleções *Vontade de Saber Português*, de Tavares e Conselvan (2012) e *Universos- Língua Portuguesa*, de Pereira, Barros e Mariz (2015) trazem concepções baseadas nas gramáticas tradicionais, uma vez que os conceitos apresentados para cada classe gramatical muito se assemelham com os dispostos nos manuais prescritivos.

Para exemplificarmos o exposto, retomamos o conceito de verbo apresentado nesses livros. As duas coleções confluem com a definição de verbo no campo semântico afirmando que o verbo pode expressar ação, estado ou fenômeno. Nessa perspectiva, como já relatamos, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Cunha e Cintra (2017) dizem que verbo é uma palavra de forma variável que exprime um acontecimento representado no tempo.

No entanto, entendemos que esses conceitos não definem corretamente o vocábulo verbal, pois existem outras palavras que podem expressar esses valores, a exemplo do que afirma Perini (2007)

Em outras palavras, a noção corrente de “verbo” é formal, e não semântica. O conjunto de palavras que exprimem uma ação, por exemplo, não se chama em geral de “verbos”: *correr, corria, corrida, vingança, vingar, traiu, traição etc.* Como se vê, todas essas palavras exprimem uma ação; mas nem todas são verbos (PERINI, 2007, p. 320).

Sendo assim, constatamos que diante do que Perini (2007) exemplificou, os discentes podem ser induzidos a classificar erroneamente, por meio desses conceitos dispostos nos

manuais didáticos, nomes como verbos, uma vez que muitas palavras expressam os valores que essas autoras atribuem somente aos verbos. Portanto, os livros didáticos descritos neste trabalho muito se assemelham nas abordagens de análise linguística, tendo por base as GTs.

No entanto, a organização dos temas se dá de forma distinta pelas autoras. A coleção *Vontade de Saber Português* traz os conteúdos sequenciados a partir de cada série, ou seja, dificilmente retoma um tema exposto no exemplar anterior. Acreditamos que isso ocorra porque o livro prima por considerar que existe um currículo a ser cumprido. Mas, a Coleção *Universos- Língua Portuguesa* traz os temas gramaticais de acordo com a análise do uso em diferentes gêneros textuais, a partir da análise epilinguística. Assim, um mesmo tema pode ser abordado em diferentes exemplares, pois o que as autoras defendem é o estudo da língua através do texto, ou seja, os conteúdos gramaticais são trazidos a partir do uso e da adequação da linguagem em diferentes situações comunicativas.

Nessa perspectiva, Pereira, Barros e Mariz (2015) propõe um ensino de Língua Portuguesa mais condizente com o que orienta a BNCC (2017) quando traz:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas (BRASIL, 2017, p. 67).

Assim, reafirmamos a importância de oferecer aos discentes da educação básica um ensino da língua que proporcione a reflexão acerca do seu uso em diferentes situações comunicativas, pois a depender do objetivo a ser alcançado, o aluno deverá mostrar que também domina a norma padrão. Apresentamos a seguir um quadro resumo do ponto de vista das autoras acerca das categorias verbais.

Quadro 7- Representação das categorias verbais de acordo com Tavares e Conselvan (2012) e Pereira, Barros e Mariz (2015).

Categorias	Tavares e Conselvan (2012)	Pereira, Barros e Mariz (2015)
Número	Os verbos podem ser flexionados em singular e plural.	O verbo pode sofrer flexão de número (singular, plural).
Pessoa	Os verbos podem ser flexionados de acordo com as pessoas do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) do singular ou do plural.	O verbo pode sofrer flexão de pessoa (1ª, 2ª e 3ª).
Modo	Em uma situação de comunicação, podemos empregar formas verbais diferentes para indicar, por exemplo, pedido, convicção ou hipótese em relação ao que está expresso. Os modos verbais são três: Imperativo- expressa ordem, pedido, conselho, orientação ou	Os verbos indicam a atitude da pessoa que fala em relação ao que é falado. Se a atitude é de certeza, o verbo está no modo indicativo. Se a atitude é de dúvida ou de suposição, o verbo está no modo subjuntivo. Se a atitude é de dar

	súplica. Indicativo: expressa certeza, convicção. Subjuntivo: expressa incerteza, dúvida, hipótese.	uma ordem ou um conselho, o verbo está no modo imperativo.
Tempo	Os verbos identificam o tempo em que um fato acontece. Na Língua Portuguesa, os principais tempos verbais são três: Pretérito – indica uma ação ocorrida antes do momento em que se fala. Presente- indica uma ação que ocorre no momento em que se fala e também pode expressar uma ação que ocorrerá no futuro. Futuro- indica uma ação que irá ocorrer após o momento da fala.	O verbo pode apresentar-se nos tempos presente, passado e futuro. E os dois últimos apresentam subdivisões: pretérito perfeito; imperfeito e mais que perfeito; futuro do presente e futuro do pretérito. Os verbos no tempo presente podem indicar ações que acontecem no momento da fala, ações que são habituais ou ações que vão acontecer em um futuro não muito distante. O pretérito perfeito indica processos concluídos no passado. O futuro do presente indica ações que têm reais chances de acontecer no futuro. E o futuro do pretérito costuma expressar uma ação com poucas chances de ocorrência no futuro.
Aspecto	O particípio exprime uma ação já concluída e o gerúndio expressa ideia de ação em desenvolvimento.	O gerúndio apresenta a partícula –ndo e expressa uma ação continuada. O particípio apresenta a partícula –do e expressa uma ação concluída.
Voz	O verbo pode se apresentar na voz ativa, passiva e reflexiva.	As vozes verbais são: ativa, passiva e reflexiva.

Fonte: Elaboração própria, com base em Tavares e Conselvan (2012) e Pereira, Barros e Mariz (2015).

Desse modo, enfatizamos que as autoras das coleções analisadas têm entendimento convergente em relação às categorias verbais. No que diz respeito às desinências número-pessoais admitem que os verbos se flexionam em 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular ou do plural. E a respeito da concordância, dizem que o verbo concorda com o sujeito da ação verbal. Assim, estabelece com ele uma relação de harmonia.

Entendemos que ao trazer exercícios sobre as desinências número-pessoais discutindo o uso de *tu* ou *você*, *a gente* ou *nós*, *vós* ou *vocês* na região em que os alunos residem, as autoras Pereira, Barros e Mariz (2015) conduzem os discentes a refletirem acerca da escolha desses termos na fala, ou seja, no uso cotidiano da língua, o que contribui para que eles realizem a análise linguística e ampliem seus conhecimentos.

Ressaltamos a importância de exercícios, dessa natureza epilinguística, que conduzam os alunos a conhecerem os sufixos número-pessoais e seus valores, entenderem que eles expressam o sujeito da ação verbal e refletirem sobre o uso desses sufixos, tanto nos momentos que requerem a variante padrão quanto em situações de uso coloquial da língua.

Diante do exposto, nesta seção 2, realizamos um percurso pela morfologia verbal, com destaque para as desinências número-pessoais, discutindo o tema à luz da linguística por meio dos estudos de Camara Jr. (2005), Pontes (1972) e Perini (2007), e da gramática tradicional com os manuais prescritivos de Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2009);

demonstramos ainda a abordagem de verbo nos livros didáticos de Tavares e Conselvan (2012), Pereira, Barros e Mariz (2015).

Sequenciando este trabalho, apresentamos na próxima seção, 3 Metodologia, os caminhos metodológicos a serem percorridos neste estudo a fim de alcançarmos os objetivos pretendidos.

3 METODOLOGIA

Retomando os objetivos deste estudo, pretendemos apresentar, nesta seção, a descrição dos procedimentos metodológicos idealizados nesta pesquisa no que tange ao conhecimento da classe gramatical verbo, especificamente as desinências número-pessoais em verbos regulares, por alunos da educação básica e ainda a sugestão de uma proposta de atividades lúdicas sobre o tema em estudo, por meio de caderno pedagógico. Para isso, a seção está organizada em três subseções: 3.1 O campo de estudo; 3.2 Os sujeitos da pesquisa; 3.3 A pesquisa-ação, de acordo com os pressupostos teóricos de Picheth, Cassandre e Thiollent (2016); com a apresentação das etapas sugeridas neste estudo: o diagnóstico inicial, o produto e o diagnóstico final.

É importante salientar que em virtude da pandemia de Covid-19 que assola o mundo, infelizmente não foi possível colocar em prática as etapas, que necessitam de coleta de dados em campo, desta pesquisa. Assim, ancoradas por nossa prática docente nas últimas séries do ensino fundamental e diante do que a BNCC (2017) e o PCN (1998) propõem como conhecimento de Língua Portuguesa indispensável à formação dos alunos dessa etapa escolar, expomos a nossa ideia. Logo, é preciso que fique claro que as atividades pedagógicas elaboradas não foram postas à prova, de maneira que as apresentamos a título de sugestão.

Apresentamos, a seguir, o campo de estudo deste trabalho.

3.1 Campo de estudo

As escolas públicas brasileiras são essenciais na vida de muitas crianças, adolescentes e jovens, pois através delas muitas vidas são transformadas. Embora várias instituições educacionais públicas ainda estejam longe de terem os recursos ideais para ofertar um ensino de qualidade aos seus alunos, elas travam verdadeiras batalhas com as adversidades para fazerem a diferença na sociedade atual e assim contribuir com a formação dos seus alunos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional- LDB (9495/96), é direito de todo ser humano o acesso à educação básica. Sendo assim, a escola pública é um dos instrumentos para a garantia desse direito. E, visando contribuir com a formação dos discentes oriundos dessa realidade, definimos como campo de estudo desta pesquisa escolas públicas municipais que ofertam do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Diante disso, ressaltamos que a LDB (9495/96) também prevê que o Estado, o Município e a União trabalhem em regime de cooperação, porém as responsabilidades em relação ao ensino ofertado aos brasileiros são definidas entre esses três níveis de governo. O ensino que compreende as etapas- creche, educação infantil e ensino fundamental- é de responsabilidade dos municípios, por isso o nosso estudo se destina às escolas municipais, uma vez que tratamos de tema pertencente aos últimos anos do ensino fundamental.

A seguir, apresentamos os sujeitos da pesquisa.

3.2 Os sujeitos da pesquisa

Tendo em vista que o objeto de estudo desta pesquisa é considerado, como já exposto na introdução, conteúdo indispensável para a formação dos alunos das últimas séries do ensino fundamental, indicamos como participantes deste estudo discentes de escolas públicas municipais com faixa etária entre 13 e 17 anos que estejam cursando o 8º ano.

Salientamos que a proposta pode ser adaptada para discentes dessa etapa escolar que compreende do 6º ao 9º, a depender do currículo local. A faixa etária indicada para os últimos anos do ensino fundamental compreende dos 11 aos 14 anos de idade, conforme o MEC. No entanto, diante do elevado número de discentes acima de 14 anos que ainda cursam esta etapa escolar, estendemos o nosso trabalho aos discentes de até 17 anos.

Diante disso, a seguir, apresentamos os princípios da pesquisa-ação, suas fases e os caminhos a serem percorridos neste estudo.

3.3 A pesquisa –ação: alguns apontamentos

Considerando que o professor, eventual leitor dessa dissertação, desconheça os princípios da pesquisa-ação, nesse item buscamos trazer alguns apontamentos que possam servir como ponto de partida para uma leitura mais aprofundada e a descrição de nossas ações.

A pesquisa-ação, de acordo com Thiollent (2011), é desenvolvida através de fases que perpassam desde a exploratória até a divulgação externa dos resultados da pesquisa. Na fase exploratória é preciso levantar informações sobre o campo de pesquisa, os participantes e os problemas prioritários que emergem dessa realidade, através da construção e aplicação de

diagnóstico, o que gera os principais objetivos da pesquisa e ações decorrentes dela (PICHETH; CASSANDRE; THIOLENT, 2016).

A segunda fase corresponde à delimitação do tema que é feita de modo colaborativo com os demais participantes, considerando os principais problemas identificados anteriormente, delimitando-os, bem como a área de conhecimento a que pertencem. Na formulação do problema, o autor da pesquisa deve considerar as etapas anteriores e planejar as ações, execução e avaliação das mesmas. Em relação à hipótese, devem ser elaboradas por meio de suposições definidas pelo pesquisador acerca das prováveis soluções para o problema de foco da pesquisa (PICHETH; CASSANDRE; THIOLENT, 2016).

A coleta de dados consiste em selecionar as informações essenciais para o prosseguimento do trabalho. Em seguida, é necessário construir um plano de ação considerando os dados obtidos e os objetivos a serem alcançados pelo pesquisador. A última fase consiste na divulgação externa e socialização de informações sobre os resultados alcançados aos participantes da pesquisa (PICHETH; CASSANDRE; THIOLENT, 2016).

Optando pelos caminhos da pesquisa-ação, o professor poderá organizar seu trabalho em três fases: a coleta de dados - diagnóstico, a intervenção pedagógica e reaplicação de atividade avaliativa – uma espécie de diagnóstico final. Isto posto, podemos afirmar que este trabalho apresenta características do método da pesquisa-ação, uma vez que elaboramos um diagnóstico inicial para mensurar o conhecimento dos possíveis participantes deste estudo em relação ao domínio das desinências número-pessoais em verbos regulares nas práticas escritas da língua; apresentamos uma sugestão de proposta de atividades nos moldes de sequência didática disposta em caderno pedagógico e orientamos a reaplicação da diagnóstica inicial para poder avaliar os avanços dos alunos submetidos à intervenção em relação ao conteúdo em análise.

Como dito, em virtude da Pandemia ocasionada pela Covid-19 instalada no país, em março de 2020, por recomendação da Organização Mundial da Saúde as escolas foram fechadas, visando à preservação de alunos, professores e profissionais em geral ligados à educação. A necessidade de isolamento social se impôs como algo urgente e necessário, de maneira que não nos restou outra opção a não ser renunciar à aplicação das etapas deste estudo que necessitam do campo de estudo.

É importante salientar que até verificamos se havia a possibilidade de desenvolver o trabalho numa escola pública municipal de Guanambi, onde a pesquisadora atua como professora de Língua Portuguesa das últimas séries do Ensino Fundamental. Contudo, uma

análise cuidadosa da situação dos alunos nos mostrou que seria inviável a aplicação das atividades por meio remoto, não nos restando outra opção senão abandonar a ideia.

No entanto, diante do que vivenciamos na nossa prática docente em relação à necessidade de propor um ensino de verbos regulares com ênfase nas desinências número-pessoais para ampliar a capacidade linguística de nossos alunos e cientes da importância deste trabalho que trata de um tema indispensável à formação dos discentes, nada nos impediria de elaborar uma proposta de intervenção contendo a atividade diagnóstica inicial como recurso para a coleta de dados, uma coletânea lúdica acerca das desinências número-pessoais em verbos regulares com atividades nos moldes de sequência didática, as orientações para aplicação de cada atividade/ jogo e a diagnóstica final para mensurar a eficácia dessa proposta. Essas atividades estão organizadas em um caderno pedagógico para que docentes de Língua Portuguesa da rede pública municipal de ensino possam utilizar esse manual com os discentes da educação básica a fim de sanar as dificuldades desses alunos em relação a esse conteúdo. O caderno pedagógico poderá ser aplicado a qualquer tempo pela pesquisadora, demais professores e/ou pesquisadores.

3.3.1 Observar a comunidade, detectar o problema para propor uma mudança: o diagnóstico

O professor precisa estar ciente de que a pesquisa deve iniciar com a fase exploratória para o levantamento de informações acerca do campo de estudo, os participantes da pesquisa e os problemas presentes no meio em que estão inseridos. Só seguindo esses princípios, poderá elaborar os exercícios diagnósticos como meio de coleta de dados. É preciso conhecer a clientela para poder pensar no que melhor atende às suas necessidades. É também a partir dessa análise, bem como dos resultados da atividade diagnóstica que o professor vai poder definir os objetivos e metas para elaborar as aulas/atividades de intervenção.

Sendo assim, com o objetivo de se obter elementos em relação à compreensão dos alunos acerca das desinências número-pessoais, bem como a utilização correta de verbos em textos próprios, sugerimos como atividade diagnóstica uma proposta de produção textual cujo tema faz referência à importância do combate ao racismo. Por meio da leitura de dois textos motivadores sobre o tema, os alunos devem redigir um texto dissertativo-argumentativo, em duas aulas de cinquenta minutos cada.

A escolha desse tipo de texto se deve ao fato de que os discentes nas últimas séries do fundamental precisam ser capazes de argumentar, produzir textos usando a persuasão e

reconhecer a função social de diferentes gêneros. Além disso, os alunos devem compreender e adequar o uso da língua a partir do que pede cada situação comunicativa. De acordo com o PCN (1998), o aluno dessa etapa escolar deve

Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso (PCN, Terceiro e Quarto Ciclos, Língua Portuguesa, 1998, p.7-8).

No entanto, através da redação de textos em sala de aula pelos discentes, é comum nos depararmos com situações como apagamento da marca de 3ª pessoa do plural (*eles canta* \emptyset *X* *eles cantam*), ausência da desinência “*mos*” na primeira pessoa do plural (*nós canta* \emptyset *X* *nós cantamos*), realização de mesma flexão para segunda pessoa do singular- *tu-* e a terceira pessoa do singular – *ele/ela-* (*Tu canta* \emptyset *X* *tu cantas*; *ele/ela canta*), entre outros.

De acordo com a BNCC (2017) uma das competências específicas de linguagens para o ensino fundamental é

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo (BRASIL, 2017, p. 65).

Assim, através de uma produção textual com tema relevante e de urgente discussão como o combate ao preconceito racial, entendemos que o professor conseguirá perceber as dificuldades dos discentes em relação ao emprego correto dos verbos, sobretudo por não dominarem as desinências número-pessoais, bem como as dúvidas sobre as características do gênero textual proposto. Diante disso, destacamos que a diagnóstica sugerida encontra-se disposta no caderno pedagógico.

Pensando no desenvolvimento da próxima etapa deste estudo, recomendamos que o/a pesquisador (a) analise os dados coletados na diagnóstica e liste as ocorrências em que os discentes demonstraram pouco domínio do tema em estudo para propor a intervenção pedagógica selecionando as atividades adequadas aos objetivos pretendidos.

Com base nas observações de nossa prática docente, apresentamos a seguir os elementos constituintes da nossa sugestão de intervenção pedagógica e o que pretendemos alcançar através das atividades didáticas selecionadas para esse fim.

3.3.2 Ações propostas para promover a mudança: a intervenção pedagógica

De acordo com as ações descritas nesta seção pesquisa-ação: alguns apontamentos, o início deste trabalho deve se dar por meio da atividade diagnóstica e a partir dos resultados obtidos pelos alunos, o professor deve elaborar uma proposta de intervenção pedagógica cujo objetivo seja tornar mais compreensíveis os conhecimentos básicos sobre a classe gramatical verbo, mais especificamente as desinências número-pessoais, objeto de estudo deste trabalho, para os alunos do 8º ano do ensino fundamental.

Partindo do pressuposto de que este conteúdo é extremamente relevante na formação dos discentes e de que acreditamos na ideia defendida por nós e aqui sugerida, elaboramos uma sequência de atividades apresentando três jogos lúdicos, com duração de duas aulas de 50 minutos cada, para ampliar o conhecimento dos alunos em relação às desinências número-pessoais em verbos regulares. A escolha do jogo como recurso didático para o ensino do conteúdo citado é de fundamental importância, pois os jogos educacionais proporcionam momentos de interação, despertam o interesse, instigam a criatividade, propõe o trabalho em equipe e o respeito às regras pelos alunos, além de constituir uma excelente ferramenta pedagógica para o professor.

Discutimos ainda que a nossa sugestão de atividades está embasada nos moldes de sequência didática, uma vez que os jogos estão interligados entre si e trabalham o conteúdo de forma integrada para uma melhor dinâmica nesse processo ensino-aprendizagem do conteúdo em estudo. Nesse sentido, Oliveira (2013) diz:

Resumindo, a sequência didática é um procedimento para sistematização do processo ensino-aprendizagem, sendo de fundamental importância a efetiva participação dos alunos. Essa participação vai desde o planejamento inicial informando aos alunos o real objetivo da realização da sequência didática no contexto da sala de aula até o final da sequência para avaliar e informar os resultados (OLIVEIRA, 2013, p. 54).

Assim, buscamos atividades lúdicas cujos alunos possam desempenhar o papel de protagonistas na ampliação dos conhecimentos deles no que diz respeito ao tema evidenciado neste estudo. Para isso, dispusemos no caderno pedagógico intitulado *Uma proposta pedagógica para o ensino das desinências número-pessoais em verbos regulares aos alunos da educação básica* a diagnóstica inicial, a coletânea lúdica *A língua em foco: Desvendando mistérios!* composta pelos jogos: *Detetive em ação*, *Talento para detetive* e *Caso encerrado*. E a diagnóstica final.

Com o tema *Desvendando mistérios*, os referidos jogos são interligados por meio do conto de detetive *Se eu fosse Sherlock Holmes*, de Medeiros e Albuquerque (1998); uma narrativa fascinante que desperta a curiosidade do leitor sobre o desfecho do caso policial contado. Nesse manual para o professor da educação básica apresentamos o conto e cada jogo, as orientações, as regras e os recursos necessários para a execução dos mesmos.

O primeiro jogo consiste em um jogo da memória seguindo os passos do jogo tradicional. No entanto, a pesquisadora também teve por base um jogo da memória proposto na pesquisa de Santos (2020). A pesquisa de Santos (2020), intitulada *Quando a ausência da marca de plural em verbos influencia a escrita: Uma análise da produção escrita e oral de estudantes sergipanos*, foi desenvolvida em uma escola pública da cidade de Carmópolis – Sergipe. A orientadora do estudo citado, professora Dr^a. Vanessa Gonzaga, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sugestionou na banca de qualificação deste trabalho a elaboração de um jogo da memória sobre o tema em análise.

Assim, elaboramos um jogo da memória com cartas que apresentam verbos com as desinências número-pessoais destacadas e outras cartas que trazem o verbo com a lacuna para o preenchimento dessas desinências. Por meio do jogo, o aluno relembra primeiramente os sufixos número-pessoais e os valores cumulativos expressos por eles. As orações acompanhadas das imagens em cada par de cartas dão dicas sobre a história que o conto policial irá contar, instigando a curiosidade desses alunos.

Já no segundo jogo, os alunos terão de início que lembrar as desinências número-pessoais dos verbos empregados nas orações das cartas do primeiro jogo; em seguida, terão que encontrar um tesouro- caixa contendo diferentes formas verbais- escondido em diferentes locais da escola e, ao retornarem à classe, deverão preencher as lacunas do texto com as formas adequadas a cada contexto, realizando corretamente a concordância entre o verbo e o sujeito da ação verbal.

No terceiro jogo, os discentes deverão redigir um final para o conto em estudo agindo como detetives e desvendando o mistério, mas para isso terão que utilizar na sua produção escrita os verbos que o(a) professor(a) indicar, manter os personagens já apresentados até este ponto da narrativa e respeitar as características próprias desse gênero. Portanto, por meio dos três jogos, além de ampliar o conhecimento das desinências número-pessoais dos verbos nas práticas escritas da língua, os alunos também se apropriarão dos conhecimentos relativos ao gênero textual em análise.

Contudo, diante das fases da pesquisa-ação: a coleta de dados – diagnóstico inicial, a intervenção pedagógica e a reaplicação de atividade avaliativa – diagnóstico final, reiteramos a importância do(a) docente/pesquisador(a) reapplicar a diagnóstica inicial para mensurar se os objetivos pretendidos no estudo foram alcançados e, considerando o que orienta Oliveira (2013) sobre sequência didática, avaliar e informar os resultados aos participantes.

Desse modo, para melhor compreensão da nossa proposta pedagógica, orientamos que o leitor deste trabalho acesse o caderno pedagógico elaborado por nós com o objetivo de além de sanar as dificuldades dos nossos alunos em relação a esse conteúdo também contribuir com a prática de nossos colegas professores de Língua Portuguesa da rede pública municipal de ensino.

Acreditamos que através da metodologia, detalhada nesta seção 3, possamos atingir os objetivos em relação à aprendizagem das desinências número-pessoais em verbos regulares pelos possíveis participantes deste estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como posto na Introdução deste estudo, de acordo com os documentos norteadores da educação básica nacional, é de fundamental importância que os discentes dos últimos anos do Ensino Fundamental dominem a classe gramatical verbo nas práticas orais e escritas da língua. Sendo assim, entendendo que o verbo constitui um conteúdo denso e complexo e por isso não teríamos como abordá-lo completamente neste estudo; tratamos aqui da flexão verbal, especificamente, os sufixos número-pessoais e seus valores cumulativos, a fim de contribuirmos com a ampliação do conhecimento de verbo desses alunos da educação básica.

Ao longo da nossa pesquisa, defendemos o quanto se faz necessário oportunizar aos estudantes desse ciclo um ensino de verbo que considere o “padrão geral” de flexão dos verbos regulares portugueses, de acordo com Camara Jr. (2005); pois o acesso a essas informações facilitaria a compreensão e o emprego adequado dos verbos nos usos da Língua por esses discentes, uma vez que fica evidente que não há a necessidade de decorar listas de conjugação verbal e que esse não se configura o melhor caminho para o domínio de verbo. Tendo por base também os pressupostos teóricos de Perini (2007), defendemos ainda que o docente ao ensinar verbo deve considerar os aspectos morfológicos para que os alunos compreendam a definição de verbo e facilmente identifique essa classe gramatical diante das demais.

Na seção 3 Metodologia, destacamos os caminhos percorridos por nós para elaboração de uma proposta pedagógica que atendesse aos nossos objetivos. Diante disso, dispomos detalhadamente a nossa proposta no caderno pedagógico intitulado *Uma proposta pedagógica para o ensino das desinências número-pessoais em verbos regulares aos alunos da educação básica*. Neste manual constam atividades lúdicas que julgamos atender aos nossos objetivos de ampliar a competência linguística de nossos alunos em relação ao tema em estudo e contribuir com a prática de nossos colegas professores da educação básica.

Infelizmente, em virtude do atual cenário pandêmico, não foi possível colocar à prova as atividades propostas no caderno, mas diante da metodologia utilizada para elaboração dessa proposta e de tudo que foi exposto neste estudo, acreditamos que ao lançar mão do caderno e aplicar as atividades conforme as orientações, o professor perceberá que essa proposta pedagógica muito contribuirá com a sua prática docente e com a formação dos nossos discentes da rede pública de ensino.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 168-180.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério de Educação, Brasília, 2017, 472p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998, 106p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Resultado da prova Brasil do ano de 2017**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/resultados> > Acesso em: 05 ago. 2019.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2009. Disponível em:<http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206>. Acesso em: 05 ago. 2019.
- BECHARA, E.. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009, p. 209-287.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ozon, 1964.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Editora vozes, 2005, 124p.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 28.ed. Rio de Janeiro: Editora vozes, 1974.
- CUNHA, C.; CINTRA L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7d. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017, 800p.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa no Processo de Formação de Professores**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, 285p.
- PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007, 380p.
- PEREIRA, C. S.; BARROS, F. P.; MARIZ, L. **Universos- Língua Portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Editora SM, 2015, 352p.
- PICHETH, S. F.; CASSANDRE, M. P.; THIOLENT, M. J. M.. **Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo**. In: Revista Educação, Porto Alegre, v. 39, n. esp. (supl),s 3-s13, dez. 2016.

PONTES, Eunice. **Estrutura do Verbo no Português Coloquial**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972, 102p.

SANTOS, Adriana Alves de Santana. **Quando a ausência da marca de plural em verbos influencia a escrita: Uma análise da produção escrita e oral de estudantes sergipanos**. 92p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) UFS, São Cristóvão, 2020.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

TAVARES, R. A. A.; CONSELVAN, T. B. **Vontade de saber português**. São Paulo: Editora FTD, 2012, 272p.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - QUADRO COM OS SUFIXOS MODO-TEMPORAIS, DE ACORDO
COM CAMARA JR. (2005)**

Quadro 8- Representação dos sufixos modo-temporais de acordo com Camara Jr. (2005).

Tempo e modo/ formas nominais	Morfemas	Alomorfias
Presente do indicativo	Ø	-----
Pretérito imperfeito do indicativo	-va- em I conjugação; -ia- em II e III conjugação.	-ve- em P 5 na I conjugação; -ie- em P 5 na II e III conjugação.
Pretérito perfeito do indicativo	Ø em P 1, 2, 3, 4, 5 -ra- em P 6	-----
Pretérito mais que perfeito do indicativo	-ra-	-re- em P 5 nas três conjugações.
Futuro do presente do indicativo	/ra'/ tônico em P 2, 3, 6.	/rê'/ tônico em P 1, 4, 5.
Futuro do pretérito do indicativo	/ri'a/	/ri'e/ em P 5.
Presente do subjuntivo	-e- em I conjugação; -a- em II e III conjugação.	-----
Pretérito do subjuntivo	/se/, escrito -sse	-----
Futuro do subjuntivo	-r em P 1, 3, 4, 5	-re- em P 2, 6.
Imperativo	Ø	-----
Infinitivo	-r	-----
Gerúndio	/Ndu/, escrito -ndo.	-----
Particípio	-do	-----

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Camara Jr. (2005).

**APÊNDICE B - QUADRO COM AS VOGAIS TEMÁTICAS, DE ACORDO COM
CAMARA JR. (2005)**

Quadro 9- Representação das vogais temáticas de acordo com Camara Jr. (2005).

Conjugações	Morfemas	Alomorfias
C I	/a/ tônico em geral; pretônico em futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo; átono final em 2ª pessoa do imperativo e na 2ª, 3ª, 6ª do presente do indicativo.	/ê/ em 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo; /ô/ em 3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, presente do subjuntivo e 1ª pessoa do presente do indicativo.
C II	/ê/ tônico em geral; pretônico em futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo; átono final com a supressão da oposição /ê/ - /i/ em 2ª pessoa do imperativo e 2ª, 3ª, 6ª pessoa do presente do indicativo.	Ø em presente do subjuntivo e 1ª pessoa do presente do indicativo. Confluência com a III conjugação em pretérito imperfeito do indicativo, 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo e participio.
C III	/i/ tônico em geral; pretônico em futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo; átono final com a supressão da oposição /ê/ - /i/ em 2ª pessoa do imperativo e 2ª, 3ª, 6ª pessoa do presente do indicativo.	Ø em presente do subjuntivo e 1ª pessoa do presente do indicativo.

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Camara Jr. (2005).

ANEXOS

ANEXO A- IMAGEM DA COLEÇÃO DIDÁTICA VONTADE DE SABER PORTUGUÊS

Figura 1- Capas dos livros do 6º ao 9º ano, de Tavares e Conselvan (2012).



Fonte: Arquivo da autora.

